



cartilha de formação





1º edição
Julho de 2005

Secretária Nacional do MNCR

End. rua dos Estudantes, 287 - Liberdade, São Paulo - SP

Tel. (11) 3399-3475

E-mail: secretarianacionalcatadores@uol.com.br

Site: www.movimentodoscataadores.org.br

Produção e editoração:

Setor de Comunicação MNCR

Consultoria: OBORÉ

SUMÁRIO



<i>Apresentação da cartilha</i>	<i>pág 04</i>
<i>Princípios e objetivos do MNCR</i>	<i>pág 06</i>
<i>Bases de acordo nacional</i>	<i>pág 10</i>
<i>Organogramadomovimento</i>	<i>pág 16</i>
<i>Um pouco de nossa história</i>	<i>pág 18</i>
• <i>A invasão</i>	<i>pág 18</i>
• <i>A resistencia indígena</i>	<i>pág 19</i>
• <i>Escravidão luta negra e palmares</i>	<i>pág 20</i>
• <i>Colônia e inconfidência</i>	<i>pág 22</i>
• <i>Revoltas e revoluções regionais</i>	<i>pág 23</i>
• <i>Império, abolição e republica</i>	<i>pág 24</i>
• <i>Canudos e contestado</i>	<i>pág 25</i>
• <i>Desenvolvimento industrial e resistência operária</i>	<i>pág 26</i>
• <i>Coronelismo e cangaço</i>	<i>pág 29</i>
• <i>Populismo e lutas camponesas</i>	<i>pág 30</i>
• <i>Ditadura militar, estudantes e guerrilheiros</i>	<i>pág 32</i>
• <i>Democracia burguesa e Movimentos populares</i>	<i>pág 34</i>
<i>A historia que fazemos todos os dias</i>	<i>pág 37</i>
<i>Os tempos em que vivemos</i>	<i>pág 38</i>
<i>Proposta de trabalho</i>	<i>pág 47</i>
<i>Ciclo da cadeia produtiva e CBO</i>	<i>pág 49</i>
<i>Conceitos básicos para análise das estruturas de dominação e da realidade</i>	<i>pág 54</i>
• <i>Quadro para análise da realidade, acontecimentos e conjuntura</i>	<i>pág 63</i>
• <i>Quadro para planejamento das ações táticas</i>	<i>pág 64</i>
<i>Métodobásicoparaorganizaçãodereunião</i>	<i>pág 68</i>
<i>Gritos de luta do MNCR</i>	<i>pág 71</i>

INTRODUÇÃO

Aqui estamos, companheiros, anos após a realização do nosso primeiro congresso nacional, agora na tarefa de organizar, preparar, e reunir algumas ferramentas necessárias para construir nosso movimento. Estas ferramentas são os “conceitos” que nos ajudaram a definir o caminho a percorrer na luta dos catadores, entender melhor a realidade do mundo em que vivemos, e juntos contribuir para a transformação da sociedade.

Como lutadores do povo que somos e parte da camada mais pobre, marginalizada e excluída da população, nada temos a perder e nada menos podemos querer do que modificar radicalmente a estrutura desta sociedade. Para isso é importante compreender como ela funciona, as origens de toda a desigualdade, conhecer nossa história, saber de quem somos descendentes, aprender com o exemplo de luta dos antepassados; colhendo aquelas experiências que ainda podem ser aplicadas, adaptando aos dias de hoje para construção de nossa estratégia e projeto político de poder popular.

Já data de mais de 50 anos as histórias da catação no país, nossos velhinhos que com seu testemunho vivo de sofrimento, injustiças e muito trabalho duro, contribuíram nas ruas e nos lixões do Brasil para a preservação verdadeira do meio ambiente. Muito diferente dos discursos inflamados de alguns ecologistas sem prática, mas com a vida, pernas, braços e mãos retiraram milhares de toneladas de matérias primas recicláveis e as destinaram para a reciclagem, preservando milhares de metros cúbicos de natureza limpa. Isto é terra que deixou de ser poluída, terra de nossos ancestrais índios, que no passado, livres, viviam de “coletar” aquilo que esta mesma natureza que preservamos oferecia em abundância para todos. Hoje conscientes ou instintivamente seguimos reproduzindo o que há de mais antigo na nossa cultura, a coleta. Índios, negros, imigrantes pobres e a mistura de todas as raças, culturas e experiências de lutas fazemos do MNCR o espaço de encontro de todos(as), para construção de nossa utopia.

Carregamos em nossos objetivos a construção de uma “utopia realizável”, ou seja “uma nova forma de estar e viver no mundo em coletividade”, livres de toda opressão e exploração da sociedade capitalista. Isso que queremos para nós e todos nossos irmãos de classe e ideal. Para contribuir inicialmente para isto elaboramos esta cartilha, que é nossa caixinha de ferramentas para construção, reforma, e implementação coletiva de nosso projeto. Não esta completa, vai se completando na caminhada.

Após a realização de dezenas de encontros de representantes dos estados do Brasil onde estamos organizados, dois congressos de abrangência latino-americana, definimos um conjunto de critérios básicos para estruturação da organização do movimento, ao qual chamamos de “bases de acordo”; um conjunto de códigos de conduta, ética, e valores que chamaremos de princípios orientadores do movimento e também um conjunto de metas de curto e longo prazos que temos como objetivos do MNCR.

Nesta cartilha também reunimos alguns métodos que acreditamos poder contribuir para fortalecer os esquemas básicos de organização, como método de reunião, análise da realidade e planejamento coletivo.

Mãos a obra companheiros(as), na grande empreitada da formação dos militantes do MNCR, criar a cultura do dialogo, debater, estudar, nos formar individual e coletivamente é dever de todos(as), para que entre nós não haja mais coitados nem doutores mas protagonistas, lutadores, com a firmeza das mãos entendida aos companheiros(as), e o punho fechado contra o inimigo de classe.

**Adiante companheiros(as),
pois a tarefa é dura, árdua;
o caminho é difícil, perigoso
mas é o único sincero e coerente,
é a caminhada da libertação de nossa gente!**

Boa leitura.



DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS E OBJETIVOS DO MNCR

ARTIGO 1º - O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis - MNCR, trabalha pela **'auto-gestão e organização'**¹ dos catadores através da constituição de Bases Orgânicas, em que a 'participação' de todos os(as) catadores(as) que pretendem ajudar a construir a luta pelos seus direitos, é algo internamente garantido, juntamente com o dever do catador com a Base Orgânica, que

é apoiado por um critério de **democracia direta**² em que todos tem voz e voto nas decisões, conforme critérios constituídos nas bases de acordo;

Significado dos nossos princípios:

1 “Auto-gestão” é a prática econômica em que os trabalhadores são os donos das ferramentas e equipamentos de produção. Auto-gestão é o modo de organizar o trabalho sem patrões, tendo a decisão, o planejamento e a execução sob controle dos próprios trabalhadores.

2 “Democracia direta”

é forma de decisão tomada pela participação coletiva e responsável da base. Uma decisão pode ser feita por consenso ou por maioria de votos, mas sempre deve respeitar antes de tudo a exposição das idéias e o debate.



ARTIGO 2º – O MNCR tem na ‘**ação direta popular**’³ bem como em outras formas de organização um princípio e método de trabalho que rompe com a apatia, a indiferença e a acomodação de muitos companheiros(as). Este princípio deve partir desde a construção inicial dos galpões e sua manutenção, não esperando que caia tudo pronto do céu, assim como em mobilizações nas grandes lutas contra a privatização do saneamento básico e do lixo, contribuindo para a preservação da natureza, mas também lutando pelo devido reconhecimento e valorização da profissão dos catadores ;



3 “Ação direta” é um princípio e método que carrega o sentido do protagonismo do povo auto organizado, ou seja, é o povo que deve fazer diretamente as transformações, com o exercício de suas próprias forças, união, organização e ação, sem viver esperando que os outros façam por nós, que caia do céu como um milagre ou um presente, sem que nos esforcemos para isso; A ação direta pode ser da pessoa para o grupo, do grupo para a base, da base para o movimento, e do movimento para a sociedade;

ARTIGO 3º- O MNCR busca garantir a **“independência de classe”**⁴ em relação aos partidos políticos, governos e empresários,



mas também lutando pela gestão integrada dos resíduos sólidos com participação ativa dos catadores organizados, desde a execução da coleta seletiva com catadores de rua, até



a triagem e o beneficiamento final dos materiais, buscando tecnologias viáveis que garantam o controle da cadeia produtiva, firmando com os poderes públicos contratos que nos garantam o repasse financeiro pelo serviço prestado a sociedade, e cobrando das empresas privadas, produtora industrial dos resíduos, o devido pagamento pela nossa contribuição na reciclagem.

4 “A independência de Classe” é o princípio histórico que orienta a luta do povo na busca pela nossa verdadeira emancipação das estruturas que nos dominam; Significa que a união do povo, nossa luta e organização, não pode ser dividida por diferenças partidárias, nem se deixar manipular

ou corromper pelas ofertas que vem das classes dominantes, governos e dos ricos; Não significa ignorar as diferenças, sabemos que elas existem e são saldáveis, porém estas, não podem ficar acima do movimento a ponto de dividi-lo. O acordo com este princípio é o que pode contribuir para que não sofram manipulações futuras;



ARTIGO 4º – No MNCR, ao contrário do individualismo e da competição, buscamos



o **“apoio mútuo”**⁵ entre os companheiros(as) catadores(as), e praticando no dia a dia das lutas a **“Solidariedade de Classe”**⁶ com os outros movimentos sociais, sindicatos e entidades brasileiras e de outros países. E desta forma ir conquistando “o direito à cidade”, local para trabalho e moradia digna para todos, educação, saúde, alimentação, transporte e lazer, além do fim dos lixões e

sua transformação em aterros sanitários, mas com a transferência dos catadores para galpões com estruturas dignas, com coleta seletiva que garanta a sustentação de “todas as famílias”, com creches e escolas para as crianças.

5 O “Apoio Mútuo” ou Ajuda Mútua é o princípio que orienta nossa atitude para a prática que contribui para a construção da solidariedade e da cooperação, é contrário aos princípios da competição, do egoísmo, do individualismo e da ganância;

6 A “Solidariedade de Classe” é o princípio histórico da união de todos os pobres. Sabemos que a sociedade que vivemos está dividida em classes: pobres e ricos, Opressores e oprimidos, os que mandam e os que obedecem. Nosso povo faz parte das classes Oprimidas, somos um setor dentro delas, porém existem vários outros setores de classes oprimidas pelo sistema capitalista, como: os sem terra, os sem teto, os índios, os negros e quilombolas, os trabalhadores assalariados, etc.... É

importante compreendermos isso pois em nossa luta sozinhos, não venceremos, a verdadeira vitória só pode ocorrer com uma profunda transformação da sociedade, ou seja, onde não existam mais ricos ou pobres, opressores e oprimidos, mas sim liberdade e igualdade. Para construirmos essa nova sociedade temos que construir na luta a “solidariedade com todos os setores das classes Oprimidas”.

BASES DE ACORDO DO MNCR

1- COM RELAÇÃO À CATEGORIA:

1.1- Assumir o trabalho e o nome da categoria de Catador de Materiais Recicláveis como profissão;

1.2- Ter conhecimento da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), que reconhece e descreve a atuação do Catador de Materiais Recicláveis no mercado de trabalho;

1.3- Ser um profissional Catador(a) da Material Reciclável organizado em uma Cooperativa, Associação, Entrepósito ou Grupo que seja autogestionário e orientado pelos princípios do MNCR.

2-COM RELAÇÃO AOS(ÀS) COMPANHEIROS(AS) DE TRABALHO ORGANIZADOS ENQUANTO BASES ORGÂNICAS DO MNCR:

2.1- Ser solidário a todos os (as) catadores (as) em sua organização e crescimento;

2.2- Participar de atos e ações que promovam a inclusão social de catadores(as) que vivem do trabalho nas ruas e lixões;

2.3- Respeitar e manter um relacionamento de companheirismo e solidariedade, sem discriminação, com aqueles (as) catadores(as) que ainda não estão organizados(as) e com os (as) catadores (as) moradores (as) de rua;

2.4- Respeitar os Pontos de Coleta dos Catadores (as) organizados (as) e não organizados (as).

3-COM RELAÇÃO ÀS COOPERATIVAS, ASSOCIAÇÕES E BASES EM PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO;

As Cooperativas, Associações e Grupos considerados Bases Orgânicas do MNCR devem:

3.1- Ser compostas e dirigidas exclusivamente por Catadores(as) de Materiais Recicláveis;

3.2- Basear a organização de sua atividade produtiva nos princípios do MNCR;

3.3- Desenvolver práticas solidárias, incentivando a troca de experiências relacionadas a formas de produção, comercialização, tecnologia, modelos de administração e gestão;

3.4- Manter em suas sedes sociais a simbologia do Movimento Nacional dos Catadores(a) através de bandeiras, uniformes, placas, grafiteagem etc;

3.5- Manter um espaço de formação e informação para todos os(as) Catadores(as) participantes das Bases Orgânicas para apresentar e discutir os princípios, objetivos e ações do Movimento Nacional dos Catadores em nível municipal, regional, estadual e nacional;

3.6- Ocupar-se com a capacitação contínua dos(as) integrantes das Bases Orgânicas, criando programas internos para sua formação política, administrativa e operacional;

3.7- Priorizar ingresso nas Bases Orgânicas para os (as) catadores(as) de lixões ou de rua em situação de exploração, mediante cumprimento dos critérios de ingresso acordados com o MNCR;

3.8- Promover o protagonismo dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis por via da ação direta na luta para conquistar direitos relativos a saúde, habitação, lazer, educação, segurança e desenvolvimento social;

3.9- Para ingresso e permanência no MNCR os grupos interessados deverão cumprir os seguintes critérios:

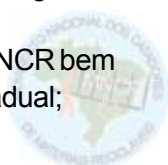
3.9.1-Estar de acordo com todos os itens descritos neste documento;

3.9.2 -Ser avaliado pelo Comitê Regional conforme critérios do MNCR;

3.9.3 -Ser aprovado pela Coordenação Estadual;

3.9.4-Dar seqüência prática e submeter todas as ações da Base Orgânica aos critérios fundamentados neste documento;

3.9.5-Promover ato público de lançamento da base orgânica do MNCR bem como assinar o termo de adesão e enviar cópia à secretaria estadual;



4- COM RELAÇÃO AO TRABALHO:

4.1 Manusear de maneira adequada e segura os materiais recicláveis nas ruas e galpões, garantindo a organização e limpeza do espaço de trabalho;

4.2- Estar consciente do valor e da utilidade pública dos serviços prestados pelo desempenho da sua atividade profissional, que proporciona benefícios econômicos e ambientais para toda a sociedade;

4.3- Zelar pela saúde e preservação ambiental evitando e impedindo práticas que possam comprometer ou prejudicar a vida em sociedade;

4.4- Não praticar qualquer ato que, direta ou indiretamente, possa prejudicar os legítimos interesses dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis e das classes oprimidas em geral;

4.5- Proceder de maneira idônea no exercício de sua atividade profissional, prevenindo acidentes, evitando situações ou exposições a riscos à saúde pessoal, familiar ou pública;

4.6- Comercializar os materiais recicláveis com compradores(as) que dão um destino ambientalmente adequado aos materiais e que não se utilizem de mão de obra infantil e trabalho escravo;

4.7- Respeitar os acordos entre os(as) catadores(as) das Bases Orgânicas do MNCR e grupos sobre a distribuição de pontos e áreas de coleta, levando em conta a necessidade de sobrevivência de todos e a localidade histórica e prioritária dos(as) catadores(as) nas regiões das cidades.



5- COM RELAÇÕES AS PARCERIAS:

5.1- Estabelecer parcerias que contribuam com a comunidade, com as Bases Orgânicas e que sejam ambientalmente responsáveis;

5.2- Estabelecer parcerias em que os parceiros se comprometam com os (as) catadores(as) de Materiais Recicláveis através de um termo de cooperação mútua;

5.3- Ter os seguintes critérios para o estabelecimento de parcerias com universidades ou centros de pesquisa:

- 1) Atendimento aos critérios e demandas do MNCR;
- 2) Registro das informações (Bibliografia);
- 3) Retorno dos Projetos desenvolvidos às Bases Orgânicas;
- 4) Garantia do repasse de resultados às Bases Orgânicas.

5.4- Divulgar solidariamente para as Bases Orgânicas informações sobre parcerias, projetos de financiamento e novas tecnologias;

5.5- Buscar informações sobre a idoneidade (e ética) dos(as) que propõem parcerias, sua trajetória e se estão de acordo com os conceitos e princípios do MNCR;

5.6- Garantir que as entidades parceiras não venham desenvolver interferência interna nos assuntos das Bases Orgânicas, preservando a independência e a auto-gestão verdadeira da organização;

5.6- Não permitir o uso da imagem das bases do MNCR, bem como dos(as) catadores(as) individualmente para fins de propaganda das entidades, entendendo que as verdadeiras parcerias são aquelas que querem realmente apoiar sem aparecer ou usar a imagem do povo.



6- COM RELAÇÃO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS E ATOS PÚBLICOS:

6.1- Comprometer-se com a participação ativa nas lutas para o desenvolvimento e reconhecimento da categoria, contribuindo nas discussões e ações do MNCR no município, estado e país;

6.2- Participar das discussões para a construção de Políticas Públicas nos âmbitos Municipal, Estadual e Nacional tendo como referência a postura do Movimento Nacional de Catadores(as) expressa na Carta de Brasília, Carta de Caxias e a Declaração dos Princípios, Objetivos e Bases de Acordo do MNCR;

6.3- Criar meios para estabelecer intercâmbios e trocas de informações sobre Políticas Públicas com Bases Orgânicas promovendo uma rede de discussão e articulação entre elas;

6.4- Garantir que todo Ato Público que tenha a participação do MNCR com sua simbologia, seja aprovado pela Coordenação Estadual e que as informações sejam encaminhadas à Secretaria Nacional Itinerante, a fim de divulgar a ação;

6.5- As articulações de Políticas públicas e manifestações não deverão ter ligação religiosa ou partidária, garantindo a independência da classe;

6.6- Garantir a unidade de ação direta das Bases Orgânicas em todas as mobilizações do MNCR.

7 – CASOS NÃO PREVISTOS DE DESCUMPRIMENTO DE ACORDOS, CRITÉRIOS E PRINCÍPIOS:

7.1- Os casos não previstos nesta base de acordo deverão ser resolvidos pela coordenação estadual do movimento e remetidos para avaliação da comissão nacional ou equipe de articulação;

7.2- O descumprimento dos acordos estabelecidos, critérios ou ações, por parte de indivíduos de bases orgânicas que afetem os princípios e objetivos do MNCR, poderão significar a suspensão temporária dos envolvidos e a instalação de uma comissão de ética e/ou de garantias políticas, na qual deverão participar os envolvidos, a coordenação estadual e a equipe de articulação nacional;

8 – TERMO DE ADESÃO DAS BASES ORGANICAS AO MNCR:

(Modelo – deve der copiado em folha própria, preenchido e assinado por todos)

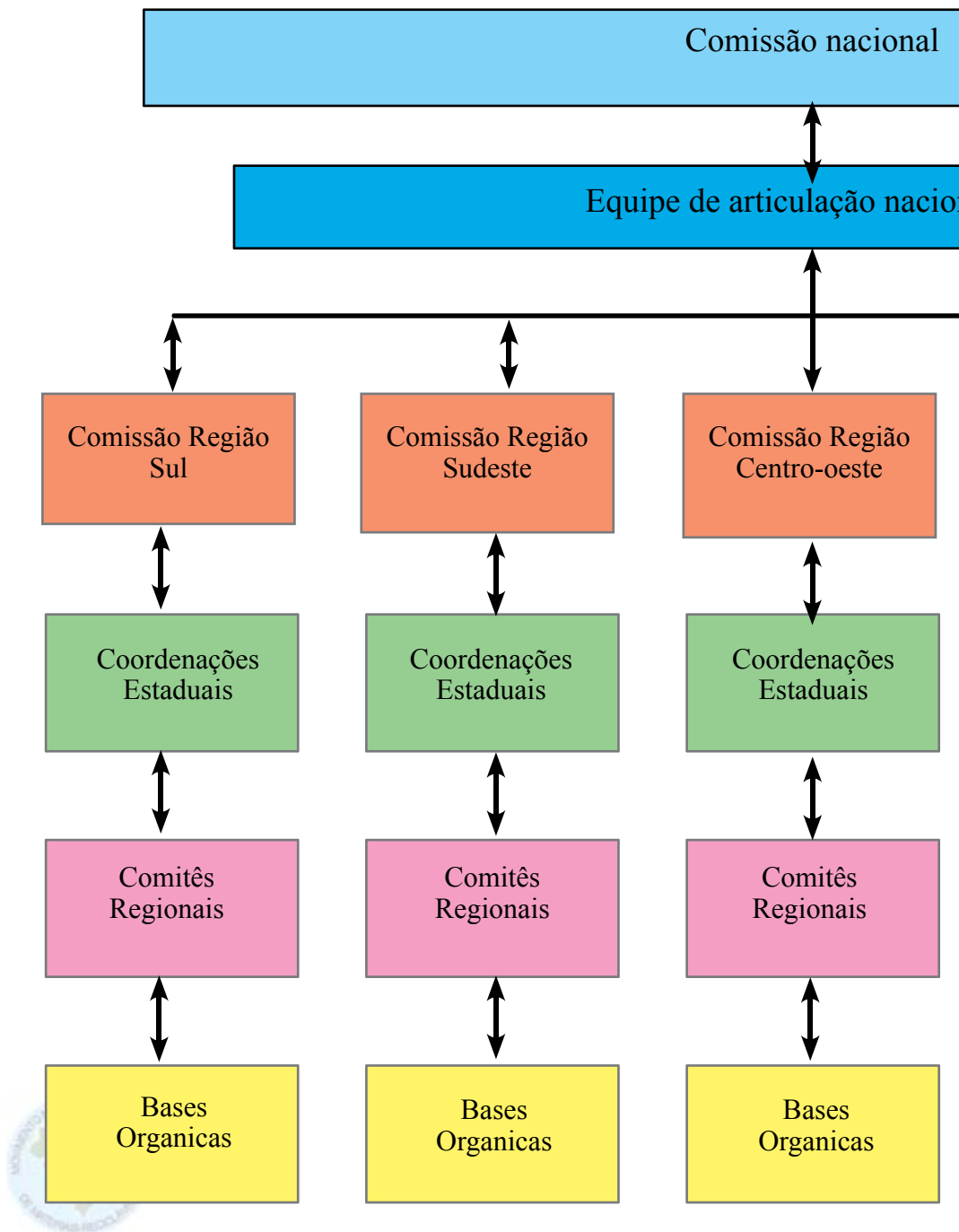
Através deste, nós organizados como membros da _____
_____ (cooperativa, associação , entreposto,
ou grupo) vimos firmar nosso compromisso como base orgânica do MNCR,
expressando nosso acordo com os seus princípios e objetivos, bem como
os critérios expressos nas bases de acordo, ao qual comprometemo-nos
a dar consequência prática;

Subscrevemo-nos:

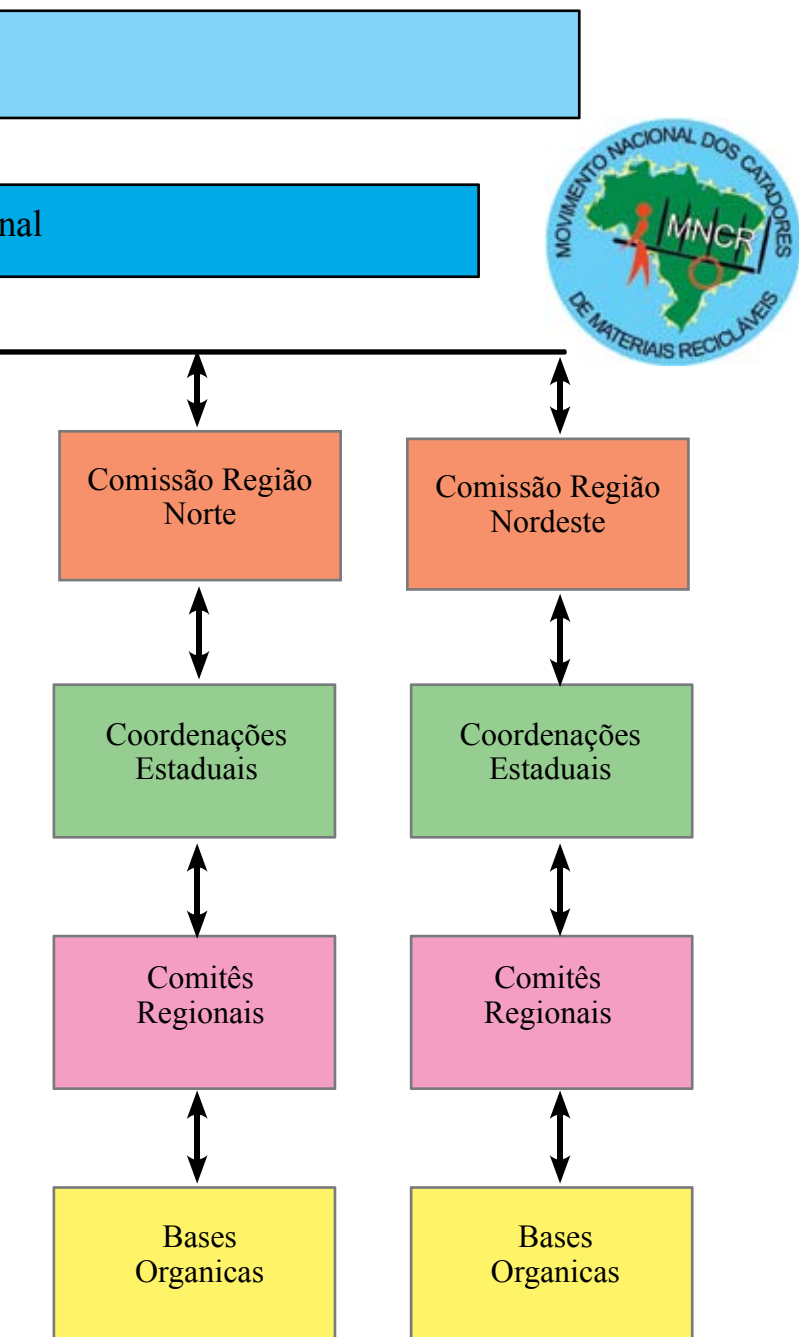
Assinam membros da coordenação e da Base

_____, _____ de _____ de 200 ____.





ORGANOGRAMA DO MOVIMENTO



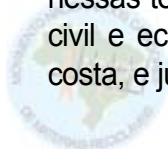
UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA

Mesmo sendo catadores (as), reconhecemos a noção, a idéia e identificação para aquilo que se reconhece como Brasil. Também reconhecemos e reivindicamos a diversidade do povo brasileiro os povos brasileiros e a dimensão continental que faz do país um sub-continente da América Brasileira. Igualmente nos entendemos latino-americanos(as), somos parte de um continente pleno de feridas, de sangue e ainda com esperanças. Os(as) brasileiros(as) são parte da América Latina, com todas as suas características e contradições. Neste pedaço do mundo vivemos e lutamos.

Ao contrário do que a elite brasileira tenta nos fazer acreditar, não somos um povo de falsos malandros, vagabundos e covardes. Desde as primeiras flechas e tacapes lançadas contra os invasores até a última foice e facão dos sem-terra, piquetes com carrinhos e carroças viemos lutando por nossos destinos.

A invasão

Nossa história e resistência vem de 1500 quando o primeiro invasor lusitano começa a tentar conquistar as terras de Pindorama para colônia do império português. Surge aí a idéia de Brasil. Vem da devastação de nossas matas, exploração econômica e dos trabalhos forçados. Nosso nome vem de “Pau-brasil” que era a árvore abundante na Mata Atlântica e brasileiros foram denominados os trabalhadores (eiro = trabalhador manual) do pau-brasil. Os primeiros brasileiros foram os povos indígenas. Passavam a ser “brasil-eiros” quando derrotados nas inúmeras guerras contra os invasores lusos ou, ainda, aculturados e “convertidos” em escravos. Depois, a partir de 1530, os africanos, com a vinda destes trabalhadores que foram seqüestrados de seu continente, também se tornavam brasileiros. Com as capitanias hereditárias surgiram os latifúndios, a coroa portuguesa comissionava capitães-mor nessas terras do além-mar, com poderes absolutos para a vida militar, civil e econômica. Postos de vigília e comércio eram instaurados na costa, e junto com estes fortes, vinham contrabandistas e saqueadores



(portugueses, franceses, ingleses, holandeses e corsários sem reino). Começaram a vir portugueses pobres - desterrados e degredados (não podemos esquecer que as terras brasileiras funcionavam como colônia penal para desterrados e criminosos) - e mais brasileiros surgem. Nasceram os “filhos da conquista”, outros brasileiros, gerados do estupro de mulheres indígenas e negras. De tanta violência e exploração vem a “típica diversidade” dos povos brasileiros.

A resistência indígena

Junto do estupro, conquista e devastação feita pelos invasores europeus, veio a resistência e a luta.

No começo foi a resistência indígena, que segue até hoje. As guerras Tupinambás, Cariris, a Confederação dos Tamoios, a guerra das Missões Guaranis contra os impérios português e espanhol, dos Goitacazes, Tapuias, Charruas, Guaicurus, Aimorés e tantos outros povos, muitos já sem nenhum registro histórico. Esta luta é atual, como a dos Xavantes, Ianomâmis, Kaudiwéus, Kaigangues, Tchucarramãe, e todos os demais povos indígenas, especialmente vivida no Centro-Oeste e na Amazônia. Os inimigos de hoje se chamam latifúndio, mineradoras, calha-norte, traficantes, madeireiras, militares, multinacionais de bio-tecnologia e Funai.

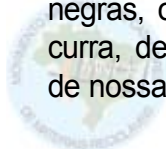
Por não poder domesticar os primeiros brasileiros ao trabalho escravo, o inimigo os chamou de “lerdos, preguiçosos, inúteis”. É certo que não queriam trabalhar para os invasores, fazer a luta de classes era fugir da lavoura e a sabotagem não derrubar nem carregar pau-brasil. Outras armas o inimigo, além daquelas de guerra: a conversão a uma fé transformada em escravidão para os povos indígenas - ditos sem alma (eram considerados tão animais que nem pecado tinham)-, a aculturação, a destruição do meio natural e as doenças (como a tuberculose e a gripe).



Escavidão, Luta negra e Palmares

Da destruição das matas passaram a violentar o solo com a mão de obra dos trabalhadores seqüestrados. Porque como sempre as elites se entendem entre si, o mercantilismo fez acordo com os reis africanos, e o escambo foi a venda de milhões de homens e mulheres. Por quase 400 anos o tráfico e a escravidão dilaceraram a costa ocidental e as regiões centrais da África, trazendo dor e desespero para o Brasil.

O inimigo de classe (então os capitães-mor, senhores de engenho e comandantes da marinha e exército da coroa) colocava os trabalhadores negros sempre em grupos de línguas diferentes - dividir para dominar, a velha fórmula das classes opressoras. Assim, a cada três afro-brasileiros, cada qual trazia seu idioma de origem e foram obrigados a aprender o português e a se comunicar no idioma do dominante. Também a fé e espiritualidade (visão de mundo) destes trabalhadores estava proibida e teve de ser disfarçada. Do disfarce da fé afro-brasileira, surgiu o sincretismo religioso, como alternativa de preservação e sobrevivência do espírito do povo oprimido. Nos engenhos, os senhores botavam seus sobrenomes como marca nos escravos e davam feijão com restos de porco para eles comerem (vem daí uma das comidas mais populares de nossa gente, a feijoada; comida dos trabalhadores negros). Obrigavam os negros a adorarem aos mesmos santos e ao mesmo Deus de seus exploradores - e óbvio, não ensinavam o cristianismo que combateu a escravidão com armas e palavras. As mais lindas mulheres negras iam trabalhar na casa-grande e o inimigo as violentava. Nascendo desta curra os mulatos e mulatas, filhos e filhas do estupro das trabalhadoras por seus patrões latifundiários. Não contentes com violentar as trabalhadoras negras, os senhores de engenho chamavam os bebês, nascidos da curra, de "filhos das mulas". O termo "mulato" vem de mais este estupro de nossa gente. Como se não bastasse, os filhos da classe dominante



mamavam, literalmente, no seio do povo. As mulheres negras, quando amas-de-leite, tiravam o alimento de seus filhos e eram obrigadas a dar o peito para os filhos de quem as escravizavam.

Enquanto avançavam os engenhos de açúcar na zona da mata nordestina, no Sudeste, saíam da Vila de São Paulo de Piratininga, os saqueadores de riquezas. Munidos de bandeiras da coroa, os “bandeirantes” levavam pequenas tropas particulares Brasil adentro, numa disputa com o império espanhol pelos territórios ainda não conquistados. Esses assassinos buscavam ouro, diamantes, indígenas para escravizar e mulheres. Tinham à frente sempre um branco dono do saque e uma tropilha de mestiços (caboclos, mamelucos) que falavam entre si a “língua geral”, uma mistura de dois idiomas indígenas juntados pelos conquistadores, também chamado de tupi-guarani. Este foi o principal idioma em terras brasileiras até a chegada da corte imperial portuguesa (quando esta fugiu de lá correndo, no início do século XIX). Aqueles que por duzentos anos saquearam, destruíram, estupraram e mataram - além de ajudarem a exterminar rebeliões- é considerados pelo inimigo de classe: “bandeirantes - desbravadores, pioneiros e heróis do país”.

Óbvio que tamanha exploração não passaria em branco. Como resposta popular, os trabalhadores negros somaram outra modalidade de resistência além daquelas praticadas pelos indígenas. Surgem os quilombos, sendo o de Palmares - na Serra da Barriga, atual estado de Alagoas - o maior de todos. Aí avançamos como povo e provamos para nós mesmos que podemos conviver de igual para igual, de forma

auto-gestionária, respeitando a diversidade e a fé de todos os segmentos de nossa gente; socializando a produção, a vida comunitária e todas as decisões relevantes. No Quilombo dos Palmares, o colonialismo e a escravidão foram derrotados pelos trabalhadores afro-brasileiros, num território livre e com o povo em armas, por mais de 100 anos! Talvez seja este o pedaço mais lindo e digno da história dos brasileiros. Os quilombolas, além da maioria negra, também contavam com brancos pobres, mestiços e indígenas. Nossa Revolução Social a traçamos aí, comprovamos que ela é possível e necessária, apontamos seus caminhos e horizontes. Da luta pela libertação negra e popular nasceu a arte marcial que viria a ser transmitida clandestinamente nas



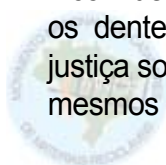
senzalas e matas, de geração para geração - a capoeira. Também tivemos exemplos de que os traidores são todos iguais não importando sua cor e origem. Exemplos da força e astúcia do inimigo de classe, que é sem dúvida poderoso e procura mil maneiras para nos escravizar. Mas, acima de tudo, exemplos da capacidade dos povos brasileiros de sermos agentes de nossos próprios destinos e de conquistarmos nossa liberdade no peito e na raça.

Trabalhadores da colônia & Inconfidência

Os quilombos foram vários, assim como as resistências indígenas. A economia da colônia se movia por ciclos. Primeiro devastaram nossas matas para pintar de vermelho as roupas dos nobres e este foi o ciclo do pau-brasil. Depois, para adoçar a boca dos ricos, dilaceraram nosso solo com o ciclo da cana-de-açúcar. Num intervalo da monocultura mercantilista, veio o ciclo do gado. Por estes tempos se fizeram sentir em todos os trabalhadores brasileiros - então já éramos negros, índios, caboclos, cafuzos, mulatos e colonos - as palavras que expressam dois dos sentimentos mais profundos de nossa gente: Sertão & Saudade. E junto destes sentidos, também Dor & Esperança.

O inimigo de classe descobre ouro por aqui e para enriquecer aos comerciantes europeus trazem mais escravidão e morte em nossos rios e morros. Também por esta época, do sertão e da luta pela sobrevivência, nascem os bandidos sociais. Os primeiros foram os do bando de Cabeleira, depois esse banditismo tornou-se comum no interior do Nordeste. Expressando no peito toda a revolta que só o sertanejo mais sofrido sabe sentir, suas garruchas e bacamartes cuspiam fogo e raiva - por vezes de forma indiscriminada, outras bem acertadamente, pois faziam pontaria nos senhores de engenho e gado.

Com os ventos do iluminismo soprando também para o Brasil, vieram as conspirações para a independência, como a Inconfidência Mineira e a Conjuração Bahiana. Óbvio que a repressão sobrou para o único inconfidente que era do povo, alferes de cavalaria, tropeiro e que tirava os dentes podres dos escravos. Por ser abolicionista e a favor de justiça social, esquartejaram Tiradentes. Não contentes com isso, estes mesmos que o assassinaram fizeram-no padrinho da polícia-militar - um



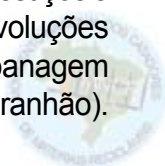
bando de criminosos fardados pagos pelos poderosos. “Se dez vidas tivesse” gritou, “dez vidas daria”. Como só tinha uma, a deu pela causa que pensava justa e digna. Os outros inconfidentes, comerciantes mais preocupados em não pagar impostos do que com a liberdade, não deram vida nenhuma e nada mudou.

Os trabalhadores da era colonial eram escravos da senzala e da casa-grande, os músculos dos primeiros garantiam toda a riqueza de uma corja de parasitas que nada faziam como para nada servem, até os dias de hoje mas também tropeiros, cargueiros, aguadeiros, ferreiros, caixeiros, sapateiros, oleiros que faziam tijolo nas olarias, carpinteiros, lavradores livres, pescadores, jangadeiros, alguns poucos profissionais, artesãos, vaqueiros que se espalhavam do Continente do Rio Grande de São Pedro até a foz do Amazonas passando também pelo Pantanal, carreteiros e outras profissões e ofícios. Incluindo a grande quantidade de mulheres trabalhadoras, na lavoura e na cozinha, como amas de leite, costureiras, rendeiras, rezadeiras e as que vendiam seus corpos como força de trabalho, chamadas de prostitutas.

Independência, revoltas & revoluções regionais

Veio a corte portuguesa fugindo apavorada de medo; depois fizeram a “independência” pois tinham pressa antes que algum aventureiro a fizesse. E tudo continuou como antes: os nobres tinham dois sotaques, o império brasileiro assumia para si a tradição colonial e começou a praticar por conta própria o sub-imperialismo na América do Sul. O latifúndio seguia - inaugurando então o ciclo do café, pois a elite européia queria tomar do líquido preto e devastaram nossas serras para isso. Os pobres continuavam pobres e os trabalhadores negros seguiam resistindo à escravidão.

Por ser um país novo, os diferentes grupos das elites algumas vezes não se entendiam nos projetos nacionais. Vieram revoltas pré-independência, lutas no primeiro reinado e no período da regência. Em algumas destas rebeliões, o povo (brancos pobres, indígenas, mestiços e negros) tomou a frente, fazendo destas revoltas verdadeiras revoluções populares regionais. Como fez o povo das cabanas, na Cabanagem (Pará-Amazônia) e como fizeram os balaios, na Balaiada (Maranhão).



As demais foram antes de tudo revoltas de oligarquias descontentes, mas que não pensaram por duas vezes antes de derramar o sangue dos humildes para suas disputas de elite. Nestas ocasiões, mais uma vez, os trabalhadores negros em armas, se aproveitavam da situação caótica e conquistavam sua liberdade a ferro e fogo. A última destas rebeliões com traços populares, embora bastante confusa, foi a Praieira em Pernambuco. Aí, pela primeira vez no Brasil, chegaram as idéias do socialismo libertário contemporâneo, através do mutualismo.

Para acabar com as revoltas, rebeliões e revoluções populares regionais, o império do Brasil primeiro usou oficiais coloniais e tropas mercenárias de marinha. Depois, criou uma força repressora com os filhos dos nobres e latifundiários, deu-lhe o nome de Guarda Nacional, ofereceu como prêmio para sufocar as rebeliões mais terras e riquezas - além dos favores da corte - e pôs à frente destas tropas o maior contra-revolucionário da história do Brasil. No reconhecimento oficial por tantas degolas, linchamentos, prisões e execuções, o inimigo de classe deu-lhe o título de patrono do exército brasileiro. Assim, lutando contra revoltas e revoluções, nascem as forças armadas nacionais.

Império, abolição & república

Paralelo com a contra-revolução, o império e suas forças armadas praticam sub-imperialismo para roubar terras e explorar comercialmente os povos hermanos. Mais tarde, seguindo a tradição genocida, destroçam e matam a mais de dois-terços dos paraguaios. Fizeram isso a mando do império britânico, de quem as elites brasileiras eram capachas. Sem nenhum escrúpulo, como sempre, o inimigo de classe usou outra vez de braço negro para exterminar os paraguaios-guaranis.

Depois de mais uma matança, mudava o modo de produção e o inimigo supostamente se dividia em blocos oponentes. Na verdade, era apenas uma disputa entre exploradores, que culminou com a “abolição” da escravidão - sem nenhuma distribuição de renda. Um ano depois, veio um golpe de estado, e o povo que estava naquela praça, tomou um susto e nada entendeu porque que o marechal que era ministro do imperador dava vivas e proclamava a república (?!). Veio a “tal da república” e óbvio, nada mudou.



Canudos & Contestado

Enquanto na capital se tramavam golpes de estado e conspirações de palácio, no sertão da Bahia o povo brasileiro outra vez descobria seus caminhos. Inspirados por um homem de fortes palavras que dava conselhos, as gentes do interior flagelado pela seca, subiram um Belo Monte e retomaram o que nos pertence por direito: a Terra e a Liberdade. Entendendo Jesus como carpinteiro, pescador, guerrilheiro e profeta, com esta inspiração socializaram a terra, viveram em comuna e criaram um Poder Popular no inferno que era o sertão. Já que se viam ao lado de Cristo, lutaram contra o anti-cristo encarnado na república dos ricos, dos latifundiários, dos milicos positivistas e suas injustiças. Porque o sertanejo é antes de tudo um forte, a bravura dos caboclos e caboclas de Canudos resistiu por 4 anos a todas as investidas do exército, polícia e jagunços. No couro, na ponta da faca, com facão e garrucha derrotaram três vezes as forças armadas. Como sempre, quando o povo se auto-organiza, luta pelo justo e vai até o fim por seus ideais. O exemplo de Canudos é tão marcante, que a ditadura militar alagou a região debaixo de uma represa para que ali não virasse lugar de romaria. Isso de nada adiantou, pois assim como Palmares, trazemos Canudos na alma!

Outra vez por Terra e Liberdade, agora numa área contestada entre os estados de Santa Catarina e Paraná, a caboclada se revoltou contra os latifundiários e a multinacional que construía uma ferrovia na região. Tendo a mesma idéia de Jesus e seus irmãos de Canudos, os caboclos do Contestado se armaram de espadas de madeira e foram enfrentar o anti-cristo encarnado nas empresas, nos fazendeiros e em suas malditas cercas e leis. Por outros 4 anos as forças armadas, a polícia e os jagunços - todos a soldo dos poderosos - foram derrotados por estes sertanejos do Sul. Nas últimas campanhas da repressão para acabar com o Poder Popular que gerou a terra coletivizada, a vida em comunidade e a classe camponesa dona de seu próprio destino, os milicos usaram até de bombardeiros aéreos contra o povo em armas. De nada adianta o silêncio do poder sobre mais esta guerra popular. Assim como Palmares, Canudos e diversas outras revoluções brasileiras, trazemos o Contestado na alma!



Desenvolvimento industrial e a resistência operária

No final do século passado, abriam-se as portas das senzalas e os trabalhadores negros conheciam outra faceta do capitalismo, o sub-emprego e a miséria. Espertamente, os capitalistas e a aristocracia do país “importavam” mão de obra europeia desde o final da monarquia. A motivação era, antes de mais nada, racista: - “Construir uma potência branca na América do Sul”, diziam eles, e depois econômica. Vieram os operários e camponeses imigrantes e outra vez mais os trabalhadores recebem a acolhida típica do país tropical: exploração em níveis desumanos.

Com estes operários imigrantes veio também a primeira carga de ideologia revolucionária das classes oprimidas. Os poderosos do Brasil, que tanto queriam mão de obra assalariada branca, não gostaram nenhum pouco do que o proletariado trazia consigo nas malas: corações e mentes. Então, apelidaram de “flor exótica” a ideologia de libertação da classe trabalhadora. A acusavam de ser uma idéia sem raízes no povo gentil, pacífico e ordeiro destas terras (obs: esta gente nunca se dá conta das asneiras e mentiras que utilizam). “Idéias de estrangeiros que não querem saber de trabalhar!” gritavam os parasitas dominantes.

Nestes tempos, o anarco sindicalismo e o sindicalismo revolucionário impulsionava a auto-organização da classe em luta, então essencialmente de origem imigrante - daí ser chamada de classe operária imigrante. Nunca nenhum movimento de massa urbano foi tão forte ! Nunca os trabalhadores brasileiros avançaram tanto em suas lutas! Nunca a classe dominante tremeu tanto de pavor!

Organizando, impulsionando e avançando a classe e o povo em luta, o movimento operário criou meios para gerar valores diferentes daqueles vividos pelos dominantes. Como movimento de massa tínhamos um projeto popular completo para a “Emancipação dos trabalhadores que é obra dos próprios trabalhadores!”. Assim, os trabalhadores tinham seu instrumento de luta e conquista econômica (os sindicatos livres ou sindicalistas-revolucionários), de educação libertária e popular (as escolas racionalistas e as universidades do povo), de cultura de classe



ESPERTINA MARTINS



(os ateneus operários, bibliotecas sindicais, grupos de teatro social, bandas e líras operárias, atividades de lazer e recreação para toda a família trabalhadora), de literatura operária (com a edição e distribuição em massa de livros como A Conquista do Pão, O Salário, No Café, Germinal; e um estilo de romances e contos do proletariado), de informação (os jornais operários) e de defesa (os grupos de auto-defesa e sabotagem).

Um belo exemplo de como a companheirada brigava como povo, “porque a agressão feita a um é uma agressão feita a todos”, é o caso das operárias tecelãs. Em sua maioria mulheres jovens (a média de idade era de 14 anos), trabalhando de 12 a 16 horas por dia, um salário de miséria e em péssimas instalações industriais,. Cedo estas operárias perdiam qualquer esperança com a vida. Era infelizmente comum que patrões ou gerentes as enganassem com falsas promessas, arrasando ainda mais sua dignidade e auto-estima. Nesses tempos, nos meios operários, nenhum homem ou mulher, mesmo que seduzido, nem se relacionava com o inimigo de classe. A concepção era que “um patrão que seduz ou engana uma operária violenta a classe inteira!” A atitude a ser tomada era sempre de solidariedade (com a tecelã) e luta (contra a patronal). A resposta vinha de dia com piquetes, manifestações, greves e boicotes. E por vezes à noite, quando companheiros e companheiras de ação sabotavam a fábrica ou levavam a justiça dos oprimidos às últimas conseqüências.

A estratégia então utilizada era a da “ginástica revolucionária” (estica e puxa até que um dia arrebenta). Consistia em impulsionar a luta de classes num sentido profundamente anti-capitalista, dando ênfase de que em cada tarefa, por mais simples que seja , ajuda a construir um caminho da libertação proletária e popular. Os militantes funcionavam como impulsionadores da classe, sempre fomentando um estado de mobilização por reivindicações concretas. A briga era para conquistar avanços e necessidades, tanto nas questões classistas (como a jornada de 8 horas, piso salarial, melhores condições de trabalho, pelo fim das perseguições sindicais etc.) como nas questões gerais (contra a guerra e o serviço militar, contra o alcoolismo, contra a exploração comercial da fé, contra a fome e a carestia, pela libertação da mulher). Nas lutas concretas de participação maciça, os militantes forjaram, na idéia e na ação, o combate social ao sistema opressor.



Mas nada disso foi fácil ou veio de graça. A burguesia considerava que: “a questão social é um caso de polícia!” e jogava a repressão - particular e estatal - sobre nós. Eram constantes as batidas de casa em casa, perseguições aos militantes operários mais conhecidos, listas negras nas fábricas para os militantes sindicais, prisões, torturas, assassinatos e deportações. Em Roraima, fronteira com as Guianas, fizeram um campo de concentração para os anarquistas durante o governo de Bernardes, a famigerada Clevelândia. Mas, com a dignidade habitual, sapateiros, padeiros, gráficos, metalúrgicos, ferreiros, carpinteiros, pedreiros, operários(as) têxteis, professores, comerciários, garçons, portuários, condutores e outras categorias do proletariado libertário, sempre davam a resposta do povo contra a repressão da burguesia e seus lacaios: fugas da Clevelândia e de outras prisões, diversas vezes derrotamos a repressão em enfrentamentos e a patronal na luta de classes, também várias delegacias e quartéis voaram pelos ares nesses tempos.

Nas primeiras décadas do século XX, em especial nos tempos da Confederação Operária Brasileira (COB), que teve seus congressos nos anos de 1906, 1913 e 1920, e das Federações Operárias estaduais - estas resistiram até o golpe do Estado Novo em 1937-, as cidades brasileiras mais importantes estiveram em momentos de ruptura revolucionária. Por mais de uma vez, cidades do porte de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Santos e outras mais caíram nas mãos do operariado. Houve também uma tentativa de insurreição, no Rio, e participamos de todos os episódios históricos até o final dos anos 30. Isto porque a função libertária era - e é - a de estarmos na primeira linha de combate popular, nunca como uma vanguarda, mas sim como militantes dedicados à emancipação de nossa classe e povo.

O momento auge era quando se davam as condições para uma greve mais radicalizada. Esta greve puxava outra e mais outra até que toda a classe parava em solidariedade. Os trabalhadores tomavam e geriam os meios de produção, expulsávamos a repressão (muitas vezes a base de dinamite), os sindicatos organizavam expropriações nos grandes comércios e cuidavam da distribuição de alimentos, os jornais burgueses eram empastelados ou sabotados e nossa imprensa circulava absoluta. Era a chamada “cidade proletária”, ensaio insurrecional e de poder popular muitas vezes repetido. Para garantir as conquistas

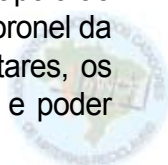


e negociar com a patronal e o estado, era indicado um organismo político, composto por militantes de consenso. Este organismo era denominado Comitê Operário, Conselho de Greve ou Liga de Defesa do Povo. Assim vieram as maiores conquistas da classe e do povo em luta. Com a dedicação integral e abnegada de milhares de lutadores. Companheiras e companheiros que generosamente davam o melhor de si para a mais justa das causas - o socialismo e a liberdade -, muitas das vezes entregando suas vidas para o avanço e a emancipação popular.

Óbvio que tamanha capacidade de luta não ficaria sem resposta da burguesia e de seus aliados. No final dos anos 20, começa a ascensão da classe média no cenário político nacional, cujo melhor exemplo é o tenentismo. Na virada da década, estas camadas médias (militares, profissionais liberais, funcionários públicos de médio e alto escalão, intelectuais, pequenos e médios comerciantes etc.) foram capitalizadas pelos marxistas e seu partido e pelos “liberais”. Para o meio operário, importaram da Itália fascista a “Carta del Lavoro” de Mussolini, e com o apoio de pelegos esta foi implementada como Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), surgindo junto com o Ministério do Trabalho. Até as vésperas do Estado Novo, lutavam construindo palmo a palmo o terreno sindical e popular das grandes cidades. Uma passagem marcante deste período foi quando colocaram os “galinhas verdes” (integralistas) para correr, debaixo de bala, da Praça da Sé em São Paulo - em 1934 e 1935. Com o golpe de 1937, foram fechados os sindicatos livres e em 1945, quando caiu a ditadura Vargas, o pior já estava feito: a classe trabalhadora quebrada em sua ideologia, em seus organismos de luta de massas e na sua identidade e valores classistas.

Coronelismo & Cangaço

Uma outra parte das lutas e condições de vida dos oprimidos brasileiros estava no interior. Do final do século XIX, até as primeiras décadas dos século XX, o latifúndio dominava os campos e o sertão através do coronelismo. Os senhores de terras, em troca de apoio ao governo central, ganhavam mais terras e também o título de coronel da Guarda Nacional. Mesmo com o final destas tropas paramilitares, os coronéis seguiram existindo. A economia, religião, repressão e poder



político partiam destes “donos de gado e gente”. Quando terminou a maldita guarda dos coronéis, o governo da tal da república, sempre que necessita, convoca “batalhões patrióticos”, compostos pelos latifundiários e seus jagunços. Nas guerras locais dos partidos das oligarquias do interior (como a Federalista, guerras civis gaúchas, na Chapada Diamantina, brigas entre famílias poderosas etc.) e nas grandes revoltas (como a Coluna Prestes), estas tropas eram empregadas junto com o exército e a polícia.

No cotidiano do interior, a não ser em ocasiões como Canudos e Contestado, nosso povo encontrou em algumas regiões - em especial no sertão nordestino - formas de revolta contraditórias mas enraizadas no seio da gente simples. Os estudiosos chamam de banditismo social mas os nordestinos chamam de cangaço. Bandos de homens armados de “coragem

e bala” infestavam o sertão dos coronéis; por vezes contando com apoio de alguns deles, outras horas não. E sempre “botando o terror nas volantes dos macacos” (a polícia).

A burguesia, aliada dos coronéis,

escandalizava-se. O povo do sertão, preferia ver seus filhos no cangaço do que passando fome, vivendo de peão ou meeiro nas terras de outros, devendo favores ou o pior, como jagunços dos latifundiários. Para os camponeses que se revoltavam, havia sempre uma cova rasa, medida com sete palmos cavados de terra, a parte cabida ao povo, no latifúndio que queria ver repartido. Sem dúvida o cangaço era a melhor opção, por necessidade e por uma questão de classe.



Roseli Nunes

Populismo & Lutas camponesas

Quando terminou o Estado Novo, tanto o movimento operário como o



sertão haviam mudado. No período entre duas ditaduras (em especial a partir dos anos 60), começaram as migrações para as grandes cidades (o êxodo rural) e o país começava a se industrializar. O rádio abria o caminho - junto com a aeronáutica - para a integração nacional tão sonhada pelos militares (fator que eles mesmos, vinte anos depois, iriam se aproveitar para montar as redes de televisão). Vieram as siderúrgicas, seguidas de metalúrgicas automobilísticas - por tabela, diminuía os trens e abriam-se rodovias ("governar é abrir estradas" já se dizia nos anos 20 a mando das multinacionais). Uma falsa euforia trazida pela "modernidade" (obs: o discurso do inimigo é sempre o mesmo) tomava conta do país.

A esquerda perdia seu caráter operário, classista e popular de antes e se encontrava dominada por intelectuais de classe média e seu partido. Este, mesmo quando ilegal, sempre foi tolerado. Eram os tempos de modernização e populismo, e do vexame de uma "esquerda" buscando alianças com uma tal de burguesia nacional progressista a qual o povo brasileiro nunca conheceu nem jamais ouviu falar - e que ainda se existente, é parte do inimigo de classe.

Mas como sempre, a gente simples encontrou seus caminhos, e os camponeses pela primeira vez na história do Brasil conheciam a sindicalização rural maciça. Brotavam sindicatos de trabalhadores rurais, associações de lavradores e as hoje lendárias ligas camponesas. Apesar de ter líderes populistas e uma demagógica referência de reforma e aliança de classes (era a postura dos partidos da classe média); provou-se outra vez que sempre quando a briga é boa, justa e necessária, os matutos, capiaus, compadres e comadres do interior compram esta briga.

Por mais de quinze anos, de novo os camponeses foram orgulho e esperança das classes oprimidas brasileiras. Emboscadas, tocaias, mortes encomendadas, repressão e perseguição institucional e da jagunçada. Ontem como hoje, o campo em luta é terra de ninguém. É justo reconhecer que militantes de base fizeram um grande esforço organizativo e nesse caminho, por muitas vezes deram suas vidas. Quando veio o golpe dos militares, com a derrota do populismo e seu "partido de esquerda", a milicada, os coronéis e as empresas fizeram questão de destruir cada sindicato de trabalhadores rurais que fosse combativo. E a luta pela terra, de forma organizada, ficou adiada até surgir o MST.



Ditadura militar, estudantes & guerrilheiros

Os anos 60 entraram no Brasil pela porta dos fundos, com “a potência emergente” inaugurando sua nova capital no meio do cerrado. A obra foi feita com o cimento transportado de avião, e por coerência política da classe dominante, se esqueceram dos candangos que construíram a cidade. Com a acirrada disputa entre o populismo e a direita golpista, nem o império yankee nem as elites brasileiras quiseram arriscar algumas reformas estruturais. Optaram pelo golpe militar - implantando um regime de endurecimento gradual. Sindicatos e movimento estudantil foram



Marcha dos 100 mil - RJ

logo proibidos. Num primeiro momento, quem podia causar problemas - as bases populares organizadas - foram reprimidas e extintas, até isolarem o partido da classe média e todos os seus futuros rachas.

Cheios de boa vontade, mas sem nenhuma inraizamento social, os estudantes secundaristas e universitários chamaram para si a responsabilidade de levar as bandeiras das lutas sociais dos brasileiros. Dos segmentos sociais mobilizados no início da década de 60 (soldados, religiosos, profissionais liberais, intelectuais, artistas, camponeses e estudantes) - a não ser em alguns raros momentos como as greves de Osasco -, depois do golpe foram apenas os estudantes que encararam a luta.

O inimigo necessitava de um regime forte para crescer o bolo do produto interno bruto e nunca jamais dividí-lo. Também para fazer obras faraônicas (exs: ponte Rio-Niterói, Transamazônica, dezenas de BRs, super-hidrelétricas como Carajás, Tucuruí, Itaipú e outras mais, usinas nucleares, etc.), montar a indústria bélica nacional (houve um tempo que “o país do futuro” era o quinto maior exportador de armas do mundo), criar estatais para infra-estrutura e subsídio da produção industrial privada, redes de televisão, contrair empréstimos aumentando

a dívida externa, inchar as cidades expulsando gente do campo com novas monoculturas plantadas a base de agrotóxicos (como a soja, a laranja e a cana de açúcar do pró-álcool) - entre 1960 e 1980, 30 milhões de brasileiros saíram do campo para as cidades -, aumentar as favelas, destruir o meio ambiente (com o Incra tocando gente feito gado para o norte) e acabar com a rede do ensino público. Ainda tiveram o cinismo de chamar a tudo isso de “milagre econômico” (obs: para eles, a nossa desgraça é sua cura milagrosa). Também necessitavam de um regime forte e de terrorismo de estado para garantir o Brasil na geo-política do continente, porque “para onde vai o Brasil vai a América Latina”, e como os trabalhadores brasileiros não saíram do lugar, os hermanos latino-americanos brigaram e brigaram e não foram para canto algum.

Era fundamental que a 8ª economia do mundo fosse a pioneira da América Latina na doutrina de segurança nacional e nos órgãos de repressão especializados (os mesmos que continuam hoje: o DOPS e a criação da Polícia Federal, o antigo DOI-CODI, a OBAN, institucionalização das Polícias-Militares com suas forças de choque e as de inteligência/P2, a criação do Serviço Nacional de Informações - ex-SNI hoje Secretaria de Assuntos Estratégicos/SAE -, o DIPI(Departamento de imprensa e propaganda que controlava as manifestações culturais), os serviços de inteligência do Exército/CIE, da Marinha/CENIMAR, da Aeronáutica/CISA, as tropas especializadas em contra-insurgência - como os pára-quedistas e fuzileiros, a militarização dos bombeiros, a institucionalização das super-corruptas Polícias Cíveis e as mais recentes Guardas Municipais). Partiram militares brasileiros para aprender técnicas de tortura com os gringos e depois ensinar aos gorilas dos países vizinhos. A mando das elites e do capital internacional, o regime pagou o preço de torturar os filhos da classe média para poder massacrar o povo com mais miséria e o genocídio institucional - re-iniciado sistematicamente após desbaratarem os grupos guerrilheiros. O mesmo extermínio em massa vivido hoje. Mas, uma vez mais nem todos se calam. Prestamos nossa homenagem e respeito aos companheiros de outras organizações que enfrentaram aos milicos sanguinários nas guerrilhas urbanas e rurais,



Revolução Cubana



em especial no Rio, São Paulo e no Araguaia. Perdendo ou ganhando, com a tática errada ou não, tombaram de pé escrevendo com o sangue generoso dos que oferecem suas vidas, outra parte da história da libertação dos oprimidos brasileiros.

Com uma história social tão rica, plena de generosas entregas de vida e luta por parte do nosso povo, é obrigação de todos nós estarmos a altura das lutas populares brasileiras., queremos contribuir nesse imenso mutirão para construirmos uma luta de longo prazo, brigando para termos a chance de começar um processo de Revolução Social Brasileira .

Abertura, democracia burguesa & Movimentos Populares



Ato contra a Coca-cola

Após acabarem também com as oposições formais, o regime militar inventou uma abertura que não foi outra coisa do que deixar passar. De imediato, a mesma “esquerda” dos reformistas fez coro com a milicada e pediu anistia ampla, geral e irrestrita até para os torturadores(!). O país caminhava a passos seguros e atados para longos anos de transição - onde nada saiu do lugar (como já é de costume).

Na eterna história de quem luta, no final da década de 70 o povo



reencontrou seus caminhos. Diversos novos movimentos sociais surgem - de mulheres, negros, comunidades de base, ecológico, direitos indígenas - e outros ressurgem como o sindicalismo, marcado pelas greves do ABC metalúrgico e a organização do funcionalismo público. Começa a explodir o problema da população carcerária e este imundo sistema penal. A miséria cresce nas favelas e periferias também como fruto do “milagre” e do tal bolo que cresceu mas nunca o povo comeu.

No campo, na região do alto rio Uruguai, área da fronteira do norte do Rio Grande do Sul com a Argentina, ressurgem a luta e a esperança. Nos domingos de tarde, debaixo de um pé de



figueira, micros e pequenos agricultores começam a se reunir e conversar, para mudar o próprio destino. Inicia a reconquista da terra usurpada pelo latifúndio, é o nascer do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

O sistema ofereceu o paraíso dos conformados e uma vez mais o povo foi ludibriado por vias legalistas. Eleições para o parlamento burguês, para governos municipais e estaduais até chegar a tão esperada eleição para presidente. O que mudou? NADA! Nos empurram goela abaixo partidos pregando a colaboração entre classes, “responsáveis” burocratas sem nenhum compromisso popular e um estado de direito formal com duas leis: o código civil para os ricos e o código penal para os pobres!

Desde a lenta e gradual abertura do regime militar até os dias atuais, após mais de uma década com as regras do jogo democrático-burguês, temos o povo saturado de falsas promessas a cada quatro anos, sem perspectivas de alternativas de luta, com a pseudo-oposição sendo cúmplice e parceira do sistema (“cidadania, consumidores, contribuintes, direitos e deveres para a legalidade, tribunais da classe

dominante, eleitores”) acreditando e convencendo-se das mentiras capitalistas.

É certo que nunca tivemos muitas entidades de base, onde quase todas as classes populares podem, em teoria, estarem organizadas. Também é certo, e infelizmente, que estas mesmas entidades de base nunca foram tão isoladas umas das outras, anestesiadas pelas bobagens do discurso oficial - postas de lado, como cabide eleitoral do povo enganado.

Alguns raros exemplos escapam desta triste situação, destacadamente o Movimento Sem-Terra. A companheirada do campo, abre com enxada, foice e



facão os caminhos da liberdade para os oprimidos do Brasil. A luta pela terra - luta de todos - é por onde podemos descobrir novos passos na trilha da libertação popular. E mais recentemente nós do MNCR vamos avançando contra os latifúndios urbanos, das empreiteiras e governos que controlam as ruas e os serviços de coleta e seu destino final, para construir uma verdadeira alternativa autogestionária de poder popular.

Com uma história social tão rica, plena de generosas entregas de vida e luta por parte do nosso povo, é obrigação de todos nós estarmos a altura das lutas populares brasileiras. Como força política organizada dos catadores, queremos contribuir nesse imenso mutirão para construirmos uma luta de longo prazo, brigando para termos a chance de começar um processo de Revolução Social Brasileira.

A tarefa é dura, árdua; o caminho é difícil, perigoso - mas é o único sincero e coerente, e é a caminhada da libertação de nossa gente!



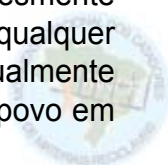
A HISTÓRIA QUE FAZEMOS TODOS OS DIAS

Ao contrário do que nos tenta “ensinar” a televisão, o individualismo e o sistema, a história de um povo é o próprio povo quem a faz. Nos momentos que nos juntamos apontando um objetivo onde a maioria dos trabalhadores e oprimidos se sinta participante, aí estamos escrevendo e fazendo a história, a nossa história - protagonizando os nossos destinos. Todos os dias nós a fazemos e todos os dias nossa história e vida são roubadas pelo capitalismo assassino e seus senhores; cotidianamente tentamos contribuir para que o povo exproprie o destino que tiraram da gente.

No texto acima, sem grandes pretensões, pusemos mais que nada alguns sentimentos dos povos brasileiros - e é desta diversidade que podemos traçar um projeto de Gestão do Poder Popular. Como povo, sempre lutamos desde o primeiro minuto de nossa existência. E sempre lutaremos. Não adianta as elites tentarem nos fazer acreditar que somos “naturalmente vagabundos, palhaços, raça de vira-latas, falsos malandros (otários), pacíficos e conformados”. Somos aquilo que fazemos de nós mesmos e NOSSA HISTÓRIA comprova 500 anos de luta, vida, dor e esperança! Nesta mesma trajetória seguimos ontem, hoje e sempre.

Realçamos, é certo, partes mais marcantes da história dos oprimidos do Brasil. Também é certo que muita coisa ficou de fora. Talvez o mais profundo não tenha entrado, o cotidiano. Não o pusemos porque nós (como povo) não somos burros e sabemos muito bem as condições de vida (ou será de sobrevivência?!) que temos. Também não incluímos diversos tipos de lutas no pedaço de Brasil que antes estava além do sertão, onde nem a historiografia oficial nem a popular chegaram, passagens certamente tão fortes como desconhecidas.

Não estão nem o cotidiano nem as partes “desconhecidas” (apenas dos livros e arquivos dos opressores) somente por tentarmos adequar tempo e espaço o. Não entrou o “mais importante” simplesmente porque isso não existe (ao menos para nós). - pois todo e qualquer trabalho para contribuir na libertação de nossa gente é igualmente importante -, na história popular, tanto o cotidiano como o povo em



luta são diferentes partes de um mesmo conjunto.

Uma questão prática, toda a nossa história não caberia em trabalho algum. E sabemos bem que qualquer livro, enciclopédia, arquivo, biblioteca, programa de computador, música ou canto são menores do que a vida de qualquer pessoa!

A história a fazemos todos os dias, onde quer que esteja nosso povo e cotidiano, há povo em luta. E seja onde for a luta do povo brasileiro, fazemos o possível (e por vezes tentamos também o impossível) para ajudar a construir Nossa História, num mutirão “pela libertação popular que é obra do povo em luta auto-organizado!”

OS TEMPOS EM QUE VIVEMOS

Estes tempos são duros, difíceis. De nada adianta nos iludirmos que está fácil para a população e os movimentos populares porque não está. Vivemos talvez uma das conjunturas mais árduas da história do Brasil e da América Latina. Mas o primeiro passo para tentar transformar a realidade é saber muito bem onde se pisa, conhecer profundamente o mundo real (e não o das ilusões, novelas ou do sistema legal), vivendo e sobrevivendo junto das camadas mais simples e humildes dos brasileiros.

Parecem números frios mas sabemos que são alarmantes pois cada dígito significa uma vida. Hoje somos mais de 150 milhões de brasileiros. Destes, mais de 35 milhões estão na fome e na miséria. Mais de 60 milhões de brasileiros vivem(?) com menos de 1 salário mínimo, somando um total de 80 milhões de pobres. Temos então mais de 100 milhões de seres humanos vivendo/sobrevivendo na pobreza ou desespero dentro do país. A classe média (sempre diminuindo) gira em torno de 30 milhões. Os ricos e super-ricos (que estão nos padrões acima dos ricos do primeiro mundo), são pouco menos de 10 milhões. Os 10% mais ricos acumulam mais da metade dos ganhos. É por isso que dizemos que quem trabalha não tem tempo para juntar dinheiro!

Tamanha injustiça social já foi assumida até pelos setores mais arrogantes das classes opressoras: “A pobreza no Brasil

não é fenômeno de conjuntura, é estrutural” confessa o inimigo. Simplificando, a pobreza é tão brasileira quanto o samba, feijoada, capoeira, batucada e o futebol! Resumindo, desde que inventaram o Brasil (ainda quando o opressor o chamava de Terra de Santa Cruz), inventaram a pobreza e injustiça brasileira. O Brasil produz mais riquezas que toda a América Latina junta e ainda assim tem o mais baixo salário do continente. Das economias industrializadas, este país tem a mais injusta divisão de renda do mundo.

Muito desta pobreza começa quando o ensino renega a educação e o saber popular. Como esse sistema é injusto por natureza, o ensino básico é deprimente e o comum é faltarem vagas nas escolas públicas. Temos 30% de



Reunião de catadores

analfabetos e outros 30 % de iletrados (os que mal dominam o idioma e nem conseguem entender o que está escrito num jornal) - e a tendência disso é aumentar .

Outra boa parte da pobreza vem da fome e da situação no campo. 1% dos proprietários rurais (nos quais incluem-se conglomerados de empresas nacionais e multinacionais) são donos de quase 50% das terras cultiváveis. Existem 12 proprietários que são donos de extensões de terras equivalentes em área a países como Alemanha, Bélgica e Suíça juntas. Algumas famílias são latifundiárias há mais de 400 anos! Uma multinacional é dona, na Amazônia, de uma área do tamanho do Rio Grande do Sul. Por outro lado, só os micros e pequenos agricultores produzem para alimentar nossa gente, e mesmo assim não tem incentivos e são expulsos de suas terras. 3 milhões e 100 mil terrenos de cultivo, dos 5 milhões existentes no Brasil, pertencem aos micro/pequenos produtores e cada um tem menos de 10 hectares de terra. Equivalem a 53% das propriedades rurais e são menos

de 3%, em tamanho, do total das terras agricultáveis. Estes camponeses são os que plantam para comermos! O conceito de “produtivo” varia de acordo com a classe a qual pertencemos. O sistema capitalista considera “produtivo” as monoculturas (como a soja, café, laranja, cana, reflorestamento para celulose do papel, etc.), as queimadas, o fim das reservas extrativistas, a pecuária extensiva, a compra de terras para especulação financeira e os calotes bancários dos “produtores” rurais. Nós consideramos a essa plantação de misérias como o modo de produção rural do inimigo de classe. Daí só vem mais êxodo e migração, legiões de pessoas sem trabalho estável no campo (como os bóias-frias) e uma máquina de fome e desespero.

Felizmente boa parte dos camponeses já despertou e hoje se organizam para retomar o que é nosso. Infelizmente, o saldo do despertar é um trabalhador rural assassinado por semana na luta por terra e liberdade. Não é à toa que o Movimento Sem-Terra é o único movimento de massas que avança pelas próprias pernas - apesar de tanto sangue derramado. Por terem um projeto de sociedade que começa aqui e agora, por organizarem a classe camponesa em todos os cantos do Brasil, são uma referência e um exemplo a ser seguido.

Depois da Ditadura Militar e mais de dez anos de farsa democrático-burguesa, este sistema viciado encontrou seus meios de estabilizar a miséria. Hoje, mais de 70% dos brasileiros vivem em cidades, sendo que 1 a cada 3 se concentram nas maiores metrópoles (como São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Belém, Vitória, Fortaleza, Campo Grande, etc.), além de algumas cidades pólos de micro-regiões.

É no cotidiano das grandes cidades, quando a 8ª economia do mundo demonstra seu lado mais perverso. Falta de serviços básicos (água, luz, esgoto, condições sanitárias, limpeza, transporte), insegurança nas classes populares (jogando sempre povo contra povo para aumentar a guerra entre os pobres), trabalho, saúde, lazer e educação. Ao contrário de algumas outras economias do continente, o desemprego/sub-emprego (assim como a pobreza) são estruturais - ou seja, mesmo no período escravista já tinha



muita gente vivendo de bicos. Nas ruas brasileiras, a economia informal é saída para o desemprego e evita o aumento da criminalidade. Mesmo assim os governos locais fazem questão de reprimir estes trabalhadores e “limpar as ruas”.

Seguindo esta filosofia, limpam as ruas matando nossa gente, os filhos do povo chamados de meninos e meninas de rua, moradores de rua e catadores. Esquadrões de policiais, comerciantes e traficantes matam crianças e idosos que eles mesmos jogaram nas calçadas, debaixo de marquises e viadutos. Temos uma imensa camada da população brasileira funcionando como uma eterna “fábrica” de crianças de rua - aí falta tudo, inclusive a auto-estima, degradada todos os dias pelos meios de comunicação. Outra resposta dos opressores é a esterilização em massa de mulheres pobres (obs: com isso devem querer cortar o “mal” - nós - pela raiz).



No campo da repressão institucional e para-policial, o país vai muito bem, com alto índice de “produtividade”. Temos arapongas e assassinos com fardas de todas as cores e também sem farda. A violência urbana é o antídoto para que os brasileiros não comecem a dar tiros para o lado certo, acertando nesta elite nojenta, seus aliados, lacaios e cães de guarda. Nas favelas e periferias, a vida vale uma garrafa de cerveja ou de cachaça, um acerto de contas, dívidas de favores ou pura bestialidade. Quando não é por nada disso, vem sempre uma bala perdida para levar mais um brasileiro - profissional da esperança - para o inferno. Se estas balas acertam onde não devem - zonas de classe média ou alta - os meios de comunicação fazem escândalos; se matam outro favelado, não falam nada.

Não por uma triste coincidência, a maioria dos pobres, miseráveis, analfabetos, iletrados, presidiários, trabalhadores recebendo salário mínimo, marginalizados são negros/afro-brasileiros. Somos mais de 80 milhões de negros, a segunda maior população



de origem africana do mundo! Esta parcela majoritária do nosso povo construiu o país nas costas marcadas, viu suas filhas serem estupradas pelos senhores de escravos, sua fé e cultura proibidas ou apropriadas, sua auto-estima ser quase destruída. O esquema



das elites nesse caso é simples: o que for de origem afro e bom (para os opressores) é considerado nacional, o que for ruim, é ilegal! Gradativamente os dominantes foram se apropriando de tudo construído do suor e criatividade dos trabalhadores negros, mas sempre houve e haverá resistência. Tentam nos enganar dizendo que vivemos numa democracia racial, os reformistas falam de superar a discriminação mas nós dizemos que temos é de acabar com a dominação (de classe e de etnia). Com os negros se libertando estará aí a caminhada da libertação de todos os oprimidos brasileiros, e por isso mesmo esta é uma luta de todos!

Ônibus lotados e trens caindo aos pedaços carregam diariamente - como para o abate - a maioria dos habitantes do país com mais televisões que geladeiras. O controle da comunicação - onde 9 famílias detêm mais de 80% dos veículos de massa e a rede Globo cobre 98% do território nacional - foi cuidadosamente implementado pelos militares. Bombardeiam-nos com besteiras e mensagens individualistas (tipo: "você tem de vencer, o mundo é dos vencedores, seja também um sucesso" e outras baboseiras infestadas de valores das classes dominantes), tentam nos bestializar sofrendo os "dramas" dos ricos nas novelas e fazem um esforço monstruoso para arrasarem com nossas identidades e características regionais. Vez por outra, um novo escândalo de corrupção aparece no noticiário. Depois estréia outra novela

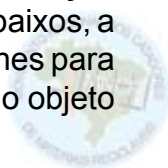
e todo mundo “esquece” o quanto nos roubaram de novo (obs: puro engano quem pensa que o povo se esquece, puro engano). Com a mídia impressa (jornais e revistas) não é diferente. Para o brasileiro que não vive sem rádio, cotidianamente os donos das transmissoras o tentam idiotizar. De olho nas novas tecnologias de comunicação, o monopólio já cai em cima de mais esta presa.

Desgraças mil poderíamos citar. Falsidades também, como a indústria da seca, as obras públicas feitas pelas empreiteiras, a corrupção desenfreada, o estado brasileiro é um loteamento das elites e multi-nacionais sangue-sugas - enquanto o salário mínimo cada vez compra menos. Dizem que tem de se desfazer das estatais para desafogar as contas públicas. Mentira! Vendem a preço de banana o patrimônio da classe trabalhadora porque assim mandam os senhores do FMI, Banco Mundial e GATT. Agilizar a máquina do estado e modernizar a economia são as palavras dos tecnocratas. Isso na carne significa milhões de trabalhadores públicos e privados no olho da rua - e também mais miséria, desespero e chacinas. São os tempos neo-liberais, da restauração burguesa babando de ódio quando destrói conquistas históricas dos trabalhadores.

Na última fronteira, no sertão que falta cercar, tocam gente igual a gado para o norte. A Amazônia virou um faroeste caboclo onde quase todo mundo perde e pouquíssimos ganham (madeireiras, mineradoras, grandes traficantes, tudo vinculado a multinacionais e oligarquias da região). O meio ambiente, a floresta e seus habitantes - caboclos, indígenas, seringueiros, agricultores, pescadores e até garimpeiros - vão sendo dizimados.

Ainda temos parte do povo escravizado, como nas zonas carvoeiras, exploração do trabalho infantil, tráfico de mulheres e de crianças e um altíssimo número de prostituição infantil .

As mulheres são a maioria da população. Por trás de uma suposta independência (onde o máximo que existe é uma nova classe composta de mulheres exploradoras) seguem a dominação machista e o sexismo. Os salários das mulheres são mais baixos, a repressão da patronal contra gestantes e mães (falta creches para as trabalhadoras deixarem seus filhos), a exploração como objeto



sexual (o corpo da mulher como um artigo de consumo) e a dupla jornada de trabalho. Vemos talvez a maior categoria trabalhadora brasileira, as empregadas domésticas (fixas ou diaristas), com toda sua vida atrelada à família do patrão. Sonham os sonhos dos milionários das novelas, tem sua auto-estima agredida todos os dias (por vezes, recordando o escravismo, os filhos dos donos da casa, ou o próprio dono, as usam como iniciação ou objeto sexual) e quase nenhum direito (a maioria nem carteira assinada tem). São ensinadas a pensarem que “a patroa é boa para mim pois me considera como se fosse da família(!?)”. Não por outra triste coincidência, a maioria das domésticas são negras ou migrantes. Domésticas, serventes, faxineiras, camponesas, secretárias e mulheres com o destino marcado, são a maioria das mães solteiras. Além disso, seguem as abomináveis violências contra a mulher, como o estupro e o espancamento. Por mais que o sistema dê algumas migalhas estas nunca alcançam nem podem satisfazer. A satisfação está quando mais e mais mulheres participam dos movimentos populares, lutando em coletivo para se libertarem da opressão milenar e nesse processo ajudam a transformar a toda a sociedade.

Uma das verdades mais duras, é que o Brasil ainda é um país marcado pelo escravismo. De forma direta e indireta. Estão aí os salários de miséria, centrais sindicais pelegas ou reformistas(cúmplices do fascismo-corporativismo sindical, aceitando o imposto sindical, a CLT, os tribunais trabalhistas - que sempre julgam as greves ilegítimas e ilegais - e reconhecendo os sindicatos oficiais), um monte de gente pobre com cabeça de capitão-do-mato (sentindo ódio dos irmãos de sina, incorporando os valores e os “doces” sentimentos dos senhores), uma minoria que faz o que quer e tem cabeça e atitudes de “sinhô” (esse é o ditado, “manda quem pode e obedece quem tem juízo”) e uma maldita noção de que “todos contribuímos para construir o Brasil” (obs: seria a hora de perguntar:- Todos quem?! Quem estuprou e chacinou ou os filhos da conquista?!). Mais, estão aí as portas dos fundos, escadas e elevadores de serviço e os quartos de empregada; fisicamente nos dizem quais são os lugares destinados ao povo

trabalhador brasileiro. O que esta corja que nos domina sabe bastante bem, e muito melhor que nós, é que quando “essa gente bronzada mostra seu valor e toda sua dor”, é quase impossível deles nos segurarem. Das senzalas modernas, com todos seus feitores, caguetas, traíras,



jagunços e senhores, se fizermos bem a nossa parte, como povo temos a chance de nos libertar de suas correntes e chibatadas.

Por parte das elites, estão em outro modelo acumulativo. Encheram o país de dívida externa contraída para grandes obras (e o povo que paga a conta), sufocaram a economia com inflação (eles lucravam na ciranda financeira, e nós?) e faz uns tempos resolveram estabilizar a miséria. O mercado regional da América do Sul, iniciado pelo Mercosul, vai se expandindo. Os 40 milhões de consumidores brasileiros, talvez num primeiro momento, aumentem um pouco com a expansão do mercado de baixa renda. Mas todos sabemos que no projeto de integração de mercados não está um prato de arroz e feijão nem três refeições por dia no estômago de nossa gente.

Mas isso para eles pouco importa. A única elite latino-americana com potencial expansionista se anima outra vez. É como no sub-imperialismo do segundo reinado, vem de novo toda a baboseira do Brasil Grande, país do futuro, líder e potência regional, fator fundamental na geo-política da América Latina como dizem os milicos. Só que agora nosso povo não acredita nos enganos tipo “ameo-o ou deixe-o, moro num país que vai prá frente, todos juntos vamos” e outras palhaçadas do gênero nacional-ufanista. Nada disso funciona mais! Sabemos que a imensa maioria dos brasileiros e hermanos do continente não estão no projeto de integração regional de mercados. Ou buscamos nossa própria saída, ou vamos pelo ralo.



É aí que outra vez vemos nosso povo sem uma esquerda a altura das lutas sociais brasileiras. Seria injusto citar este ou aquele partido pois quase todas correntes desta “esquerda” afundam numa medíocre e vergonhosa cumplicidade com este sistema assassino. Pouco nos importa a baboseira de tentar ser feliz a cada 4 anos! Sabemos que ainda tem muita gente disposta nas bases de todos os movimentos sindicais e populares e milhões e milhões de oprimidos brasileiros para entrar na luta. É esta a Esquerda que nos interessa. Esta é a companheirada da militância sincera, dedicada e disposta. E só contamos uns com os outros .



Como força organizada dos catadores, nos somamos aos companheiros e companheiras dos demais Movimentos Populares. Lado a lado com nossa gente, sempre. Para conquistar nossos objetivos específicos, mas também terra, trabalho, moradia, saúde, educação, lazer, vida comunitária, dignidade e auto-estima. Para podermos, numa luta de longo prazo, ter a chance de tomar nossas vidas e destinos nas mãos, temos de escrever Nossa História com:

**A mão estendida e os braços abertos aos
companheiros**

&

O punho fechado para golpear o inimigo!!!



Proposta de trabalho:

considerando o documento anterior, a necessidade de aprofundar nossos conhecimentos sobre nossa verdadeira história e seu reflexo na sociedade em que vivemos, desenvolva em grupo com militantes mais próximos de sua base e região as questões abaixo:

1º - Ler o texto parte por parte;

2º - Quais os sinais de resistência do povo em cada período histórico, suas praticas de luta, desde a época da invasão portuguesa e espanhola até os tempos atuais?

3º - Quais as conquistas obtidas pelo povo com a luta do passado?

4º - Qual a relação destas lutas com as lutas do MNCR hoje?

5º - O que o sistema capitalista fez ao longo da historia para chegarmos a situação em que vivemos hoje?

6º - Quem controla, manda e domina na sociedade em que vivemos hoje?

7º - E quais são os mecanismos utilizados para controlar e dominar a sociedade em que vivemos?

8º - Formule um texto com as idéias que foram discutidas em grupo com os companheiros., e traga para ser apresentada no próximo encontro.



Nossa sociedade



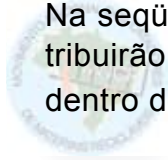
A profissão Catador de Material Reciclável existe desde meados de 1950. O catador sempre foi visto como um sujeito excluído socialmente. Contudo nós catadores sempre prestamos um serviço à sociedade, mesmo sem dela receber o reconhecimento, nem o pagamento devido por tal trabalho.

No passado, assim como hoje, muitos catadores trabalham de maneira precária, em lixões e locais impróprios. Muitos ainda sofrem humilhações e a exploração de empresários de ferros-velhos e de grandes empresas de reciclagem.

O governo e muitas instituições têm uma dívida histórica com os catadores. Algo que deve ser cobrado hoje em que a voz dos catadores se ampliou no MNCR. Uma luta muito grande, mas que não é maior que nossa coragem para lutar.

Nas próximas páginas desta cartilha veremos o ciclo da cadeia produtiva que trará em destaque a parte do processo que hoje é feito pelo catador, além de nosso papel no processo.

Na sequência veremos algumas táticas e estratégias que contribuirão para o devido reconhecimento e dignidade do catador dentro do processo de reciclagem.



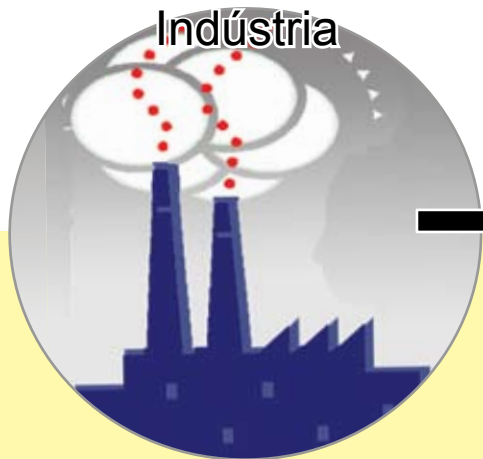
Ciclo da Cadeia Produtiva

Grandes indústrias, produzem seus produtos que enriquecem apenas à classe dominante que por sua vez explora seus empregados. Essa indústria coloca seus produtos no mercado, lucra, mas não se responsabiliza pelas embalagens e resíduos por ela produzidos. Todos os resíduos dispensados vão parar em aterros sanitários ou em lixões.

O catador, excluído do processo de produção, sobrevive do que a indústria e o comércio rejeitam.

Veja o papel da indústria e dos catadores no processo:

Indústria



- Não destina corretamente o material produzido
- Acumula lucro
- Explora mão de obra dos catadores e empregados
- Explora comercialização

comércio e comunidade



- Separa o material seco e orgânico
- Apóia a campanha (coleta solidária)



Catador



- Coleta
- Estabelece critérios e conduta Além de usar
- Uniforme
- Identidade
- Roteiro de trabalho
- Limpeza

Casa do Catador / box / praça



- Separa os materiais
- Ensaca
- Amara
- Descarta lixo para lixeiro
- Classifica os materiais de acordo com a pureza

Equipe de Triagem / administrativa comercial



- Descarrega
- Confere qualidade, peso, planilhas
- Repassa planilha para administração
- Tria
- Prensa
- Organiza materiais para comercialização
- Treina pessoal

Mercado atravessador
Grandes aparistas

- Paga o material
- Busca o material
- Controla o atravessamento

Entrepósito / Local entrega no galpão



- Controla roteiros
- Critérios
- (bases de acordo)
- Recebe materiais
- Pesa, Controla a qualidade
- Registra
- Paga o catador
- Organiza carga
- Carrega carga
- Identifica
- Comercializa diretamente

Equipe de Transporte (quando possui do galpão)



- Ajuda na carga
- Auxilia a qualidade
- Leva a ficha de controle
- Descarrega
- Comunica entre os entrepostos
- Cumpre roteiros
- Confere planilhas de carga;
- Partilha mensal, etc.

Pré Indústria de beneficiamento



- Beneficia
- Moi
- Lava
- Transforma em matéria prima para a indústria

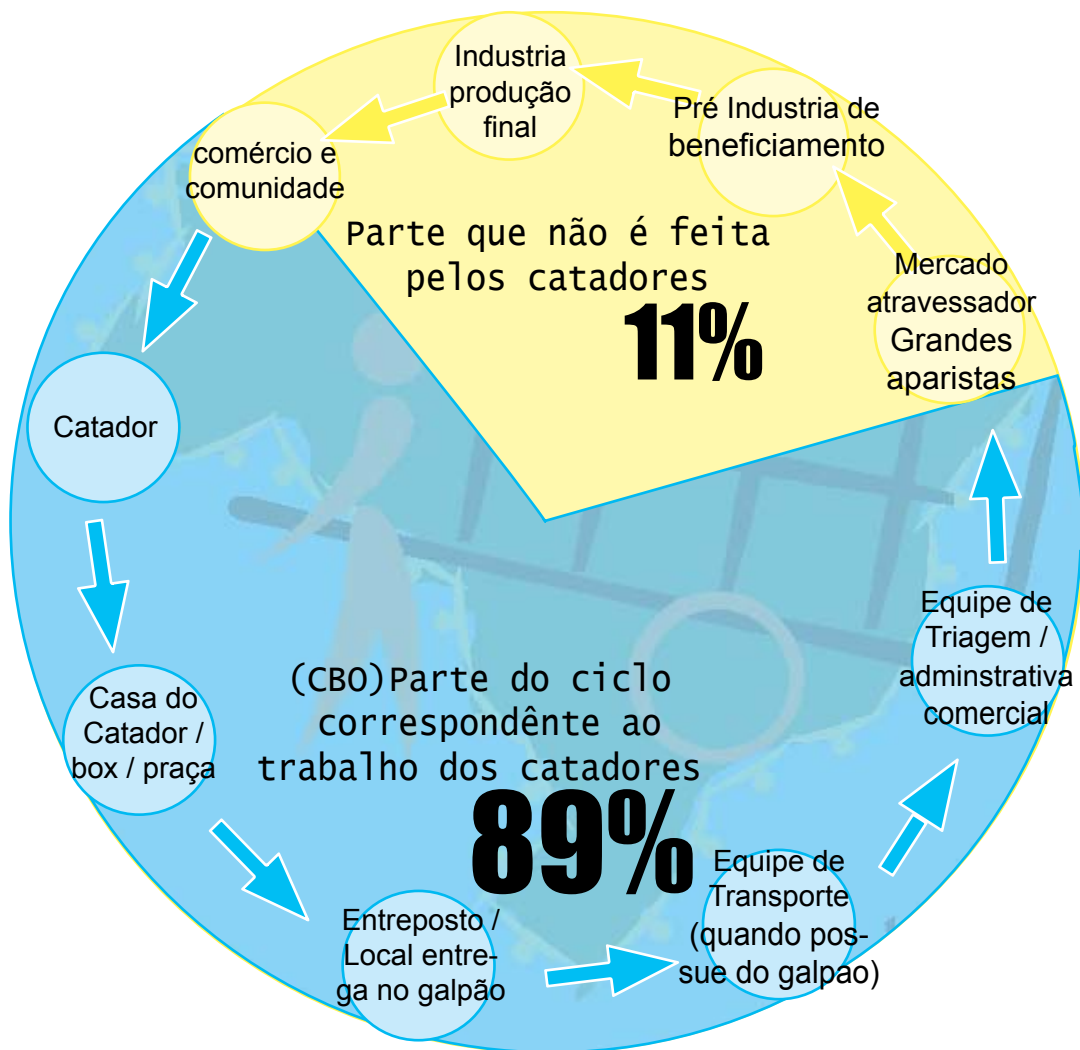
Indústria produção final



- Produz produtos para o comercio como: baldes, vassouras, caixas, canos, embalagens, tecidos, etc.



Esquema do ciclo de trabalho



■ Trabalho feito pelo catador ■ Restante do processo

Uma das primeiras conquistas do movimento dos catadores foi o reconhecimento pela CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) do trabalho do catador como profissão. Algo que só foi possível depois de muita luta.

Objetivos do MNCR

Como pode ser visto nas páginas anteriores o catador é quem faz a maior parte do processo de reciclagem. Contudo, é o que menos recebe pelo seu trabalho, que é submetido a exploração de grandes empresas que roubam do catador o produto de seu de seu esforço.

Tendo em vista este quadro alguns Objetivos do Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável (MNCR) são:

- **A Coleta de materiais recicláveis feita por catadores**
- **O pagamento aos catadores pelos serviços de coleta de materiais**
- **O controle dos catadores sobre da cadeia produtiva de materiais recicláveis.**
- **A conquista de moradia, saúde, educação, creches para os catadores e suas famílias;**
- **O fim dos lixões e sua transformação em aterros sanitários, com o devido deslocamento dos catadores para galpões que garantam a sobrevivência digna de todos.**

O MNCR vem promovendo Encontros Regionais com objetivo de fortalecer a formação dos catadores organizados no MNCR.

A partir destes encontros foram constituídos Comitês Regionais que têm como propósito:

- Dar condições aos catadores de discutir e trocar experiências sobre as suas diversas realidades e planejar ações conjuntas.
- Efetivar a relação da Comissão Nacional com os diferentes grupos de catadores das regiões visando o estabelecimento das Bases Orgânicas
- Potencializar a articulação estadual com a criação de uma Coordenação Estadual de Catadores(as) de Materiais Recicláveis a partir dos Comitês Regionais.



CONCEITOS BÁSICOS PARA ANÁLISE DAS ESTRUTURAS FUNDAMENTAIS DE DOMINAÇÃO E DA REALIDADE

1) Introdução deste documento:

Este documento tem a intenção de ser a ligação que conecta categorias e ferramentas de análise fundamentais

Sem categorias comuns (conceitos), qualquer Programa é impossível de ser executado.

A análise significa a aplicação da linha na emergência e urgência dos tempos reais da militância. A função deste documento é servir como base e apoio para esta discussão de Estratégia aplicada através de nosso Programa de trabalho a definir.



2) Categorias Fundamentais:

Processo Histórico: Conjunto de transformações estruturais provocado pelos agentes antagonistas, que geram mudanças ou movimentos e o sentido em que se dirigem.

Etapas: Período histórico com um intervalo de tempo pequeno para um processo histórico, caracterizado por algumas mudanças em determinadas estruturas sociais. Quando aplicada na luta, são as manifestações da estrutura dentro de um período de tempo. A mudança de etapa é uma variável estratégica importante, porque modifica a função de algumas estruturas.



Estrutura: São as partes mais consistentes e estáveis de um sistema social. São as formas que organizam o nosso convívio coletivo. Daí que podemos dizer que a sociedade está estruturada, gerando assim uma série de instituições fundamentais gerando assim uma série de postos-chave nas relações de poder. É a correlação de forças entre os agentes antagonistas que tornam estáveis (ou não) as estruturas de um determinado sistema social.

Conjuntura: Manifestação da estrutura e dos agentes sobre esta, em uma determinada realidade durante um período de tempo estipulado (geralmente as análises conjunturais são feitas no momento exato em que se vive).

Conflito: Choque entre forças sociais pelo controle de um ou de alguns objetos de disputa (alvos, interesses, espaços, algo para conquistar). Os objetos podem ser bem variados: dinheiro, recursos naturais, opinião pública, alimentos, energia, terra, rua, materiais recicláveis...etc.

Poder: É a relação que as forças (agentes + sujeitos sociais) estabelecem na disputa pelos: postos-chave das estruturas, formas de organizar as próprias estruturas e os recursos que a elas alimentam. Esta relação é o que constrói e poder dar ou não estabilidade e consistência para as mesmas (quaisquer estruturas de qualquer tipo de sociedade). O poder sempre se origina de uma relação de força. Desta forma, numa sociedade de classe, poder é o ato de imposição da vontade que pode gerar resistência contra esta imposição, das intenções de um agente sobre o outro.

Agentes Sociais: São os grupos de pessoas ou sujeitos individuais que agem socialmente para a satisfação de suas intenções, de suas vontades. Uma idéia mais ampla pode classificar como agente, de diversos âmbitos: social, político, militar, econômico, jurídico, religioso. Estes âmbitos ou níveis de análise não são separados e o recorte é apenas para intervenção.

Ex: Sujeito Social – catador de material reciclável

Agente Social – MNCR

Agente Político – agrupação política ou grupo militante que tem no MNCR uma de suas frentes sociais.



3) Categorias básicas para o estudo e definição da Estratégia

No ponto 2) destacamos algumas das categorias fundamentais para a maioria das análises que nosso movimento realize ou venha a realizar. Neste ponto 3) entramos nas categorias fundamentais para entendermos e praticarmos um estudo estratégico. Nunca é demais lembrar que Estratégia nada mais é do que a ciência do conflito, em última análise, do estudo da guerra (em todos os níveis e formas e intensidades). Isto é, a guerra social ou luta de classes, aí também se enquadra.

Utopia: Inflexível e Permanente. Utopia é o lugar a ser construído, é a inspiração que quando aplicada em termos concretos, traça o

Objetivo Finalista. O lugar a ser construído é a sociedade socialista, livre, onde o poder seja de origem popular e autogestionário, onde a forma de organização social para vivermos em coletividade não passará por métodos de injustiça, sistemas de privilégio nem reconstituirá um sistema de dominação. Pode ser que nunca o venhamos a atingir, mas este lugar é o que direciona os objetivos e tempos estratégicos do movimento, e nossa relação com outros setores da sociedade.

Objetivo Finalista: Inflexível; a conquista da sociedade pelas forças do povo com a vitória do Poder Popular, controle dos ciclos das cadeias produtivas pelos trabalhadores através de um processo revolucionário de longo prazo. Esta vitória significa o Poder Político pela forma Federalista e Revolucionária e a Autogestão Sócio-Econômica em toda a escala do território liberado.

Estratégia Permanente: Inflexível; é o processo de transformação revolucionária de longo prazo, com o protagonismo das classes oprimidas e com um alto nível de confrontação (em todos os níveis, militar, político, social, econômico, jurídico e principalmente, ideológico).

Estratégia em Tempo Restrito: Inflexível dentro do prazo estipulado. Até o presente momento, por exemplo, o MNCR determinou que a ferramenta da organização são bases orgânicas articuladas através de comitês regionais, nossa linha de trabalho tirada é a luta pela coleta feita com catador e o pagamento pelo serviço prestado, e formação de militantes nas regiões, etc;

Variáveis Táticas: Flexível e dotada de autonomia. Podemos traçar um perfil básico para unificar os trabalhos, mas cada comitê e suas



respectivas bases tem de ter autonomia tática, para executar os trabalhos e dentro destas variáveis, ter plena autonomia de decisão, desde que não fira os princípios comuns de forma a modificar a estratégia.

Cenários Conjunturais: É o momento vivido, mas que é necessário fazer um recorte da realidade para poder interferir sobre ela. São 3 recortes simultâneos no mínimo. Um é o recorte temporal, ou seja, o período ao qual nos referimos. Podemos dizer que o período de tempo que estipulamos pode partir de nosso próprio planejamento (Curtíssimo Prazo = 2 anos; Curto Prazo = 4 anos; Médio = 8 anos e Longo = 12 ou mais), ou que estamos analisando a Conjuntura do mês, do bimestre, do trimestre e assim por diante.

Também podemos afirmar que analisamos o planejamento de algum outro agente (exs: pode ser um partido político, pode ser uma instituição do Inimigo), e aí se utiliza o recorte de tempo que este outro agente estipulou.

Um outro recorte necessário é o de dimensão geográfica. Ou seja, sobre qual terreno estamos analisando. Tanto podemos analisar a conjuntura de uma região da metrópole (ex. a periferia de uma capital), como podemos tentar analisar o estado ou país inteiro como até nos aventurarmos numa análise global dos efeitos de uma Guerra (como a do Iraque), sobre a nossa realidade. Simplesmente não dá para fazer análise fora do **Tempo** e do **Espaço**, portanto estes dois recortes são fundamentais.

Um plano de trabalho essencial é a idéia do cálculo de tempo aplicado no recorte geográfico: curtíssimo, curto, médio e longo prazo. Apontamos o seguinte cálculo abaixo em forma resumida:.

- Curtíssimo Prazo das bases e comites (regionais): se começarmos a planificar agora, este Curtíssimo Prazo seria de 2005 até o fim de 2006 (a ser aplicado em esfera municipal, estadual e nacional)

- Curto Prazo estadual nacional (União + governo estadual): 2003-2006

- Médio Prazo estadual nacional (União + governo estadual): 2007-2010

- Médio Prazo das bases/comites (municípios/regiões): 2005-2008.

- Longo Prazo Unificado (todo o MNCR e de preferência todas as estaduais já coordenadas nacionalmente)



Para o plano de trabalho a única meta que podemos propor para estes prazos é àquela que depende quase que exclusivamente de nossa capacidade de desenvolvimento e vontade política (ao menos agora sim depende mais que nada de nossa vontade política uma ação coordenada no plano nacional no Longo Prazo proposto anteriormente).

Um outro plano de trabalho são os **níveis de análise**. Nosso movimento pode fazer o recorte de 6 níveis de análise. É importante lembrar que a forma que se analisa e como se incidirá sobre a realidade. Assim, recortar a realidade não é algo para curiosidade e sim porque consideramos estes níveis mais do que necessários para atuar sobre a própria realidade. Pode-se estipular outros níveis, desde que respeitemos estes 6 básicos, isso porque as categorias fundamentais tem de ser compartilhadas por toda a militância, caso contrário incidiremos de forma distinta. Os 6 níveis básicos são (sem ordem nem escala de determinação, mas com relação de interdependência entre eles, sendo fundamental os 3 primeiros):

Os Níveis de Análise:

Político: Relacionado aos níveis gerais de decisão numa sociedade; é o nível que analisa os partidos, governos, organismos macro do Estado e das forças sociais organizadas (grupos, organizações, nível institucional, partidos políticos - esquerda ou direita, legais ou não); o espaço das negociações e enfrentamentos entre os opressores, entre as classes oprimidas e dos arranjos.

Econômico: Relacionado ao mundo do trabalho, da produção e da circulação de bens, produtos, riquezas e serviços; trata das condições materiais de desenvolvimento e existência mesma da sociedade. (como se dá a repartição do produto e riqueza social).

Militar: Relacionado ao emprego da força, de maneira sistemática ou não, tendo que ver com todos os níveis repressivos, de violência na sociedade e do possível enfrentamento à opressão física, das estruturas de dominação e de libertação através do uso da força.

Ideológico: Relaciona-se a tudo o que circula no campo das idéias, das subjetividades, das conotações que não são materiais, ao nível do simbólico e das representações. Faz parte daquilo que é chamado de inconsciente coletivo e também do que transcende o material. Os sentimentos de religiosidade, o mundo das utopias e das aspirações do

ser humano se encontram neste nível. Os conteúdos das mensagens, estética e valores contidas na comunicação e na cultura estão também neste nível. **Transmitido por meios de comunicação de massa rádios, TVs, jornais , reproduzidos pela cultura popular, escolas e outros.**

Direito e Jurídico: deriva do político (ex: numa sociedade teocrática, são os mandos religiosos que definem o que é ou não justo; na sociedade de classes, a sociedade fundada sobre a violência de uma classe sobre a maioria materializa uma burocracia profissional do litígio, conhecido como Poder Judiciário e ampliadamente, Campo Jurídico), dos foros, das normas, das instâncias reguladoras que sancionam (aos litígios por ex.) e podem definir a punição dentro de uma sociedade. Não confundir o direito com a lei, a defesa com o advogado e o acordo normativo (ex. uma Base de Acordo) com uma imposição de estatuto (lei criada por políticos profissionais).

Social: Relacionado a todas as instituições sociais, da forma de vida em sociedade, das existências familiares, de laços e vínculos e perspectivas; analisa também as formas de resistência ou coletividades sociais (como os movimentos sociais, entidades de base) e as perspectivas sociais das expressões coletivas de um povo. Alguns aspectos do que é chamado de cultura, a sua forma associativa por exemplo, se aplica no nível social. Das manifestações religiosas, o mesmo acontece (ex: o subjetivo, o transcendente, a mística seria o ideológico e a organização social do fenômeno religioso pertenceria ao social).

Também sobre o nível social recai e incide os demais níveis, que operam como instrumentos de controle e domínio sobre o conjunto social.

4) A Construção do Poder Popular - a etapa atual

Antes que nada é necessário compreender que o Poder Hierárquico (Capitalista) é algo complexo e está muito além do governo, estando mais além ainda do Poder Executivo de uma república com sistema capitalista e regime liberal-burguês. O poder numa sociedade concreta reside no controle. Controle sobre os meios de produção de indústrias de base, de alta tecnologia, de bens de consumo; de circulação de informações, dos meios de comunicação e bens simbólicos; de serviços de transportes,



energia, obras sanitárias (estabelecendo relações de exploração econômica e exclusão dos direitos básicos); dos mecanismos centrais de decisão, das instâncias de decisões fundamentais de uma sociedade, do conjunto de leis, exigências e regras que justificam a desigualdade (estabelecendo uma relação de dominação política); do usufruto dos recursos naturais e do patrimônio ambiental tais como: água, petróleo, biodiversidade, minérios (estabelecendo novamente uma relação de exploração econômica); dos meios de exercício de violência e coação tais como: forças armadas, serviços de inteligência, polícia ostensiva e esquadrões da morte e/ou pistolagem (estabelecendo assim uma forma de dominação militar); das estruturas ideológicas que justificam a dominação de classe, étnica e até de gênero e o imperialismo (a existência de países e povos cuja relação internacional é submetida aos interesses das potências dominantes). O Poder Hierárquico (Capitalista) é identificado no domínio destas estruturas e aparatos citados mas também o poder é capilar e disseminado por toda a sociedade.

Se nos propomos a construir um **Poder Popular de caráter autogestionário**, estamos propondo a preparar um movimento de classe destinado a assumir junto a outros setores organizados das classes oprimidas o exercício dos poderes de fato numa sociedade concreta a partir de nossos interesses diretos (como classe e povo). A primeira tarefa portanto é contribuir para a construção destas organizações populares e classistas, partindo é claro de nossa posição enquanto MNCR. Não se trata de substituir uma classe dominante, ou menos ainda, de criar uma nova elite dirigente (como hoje se constituem os quadros nacionais e estaduais dos partidos) mas sim de exercer uma outra forma de viver em sociedade, cujas bases e pilares serão estas mesmas organizações populares e de classe oprimida (além de dominada, explorada, excluída e alienada).

É por isso que um projeto de Poder Popular têm de ter como princípio básico a construção desses organismos. Esta é a tarefa política chave que desde já está jogando um papel de primeira ordem na determinação de se o futuro será revolucionário ou não. E caso seja revolucionário, se terá hegemonicamente um caráter socialista e autogestionário ou terá um caráter centralizador e autoritário e que termina por restaurar privilégios na sociedade. Assim, criar ou recriar as organizações populares, classistas e com alto grau de independência política, defender passo a passo seu protagonismo, é a forma de se atingir uma chance histórica de realizarmos



o único socialismo real e possível. Isto é, um socialismo em liberdade, onde todos os avanços que hoje conhecemos sejam postos a serviço de um melhor e mais humano funcionamento social que beneficie a todos os seres humanos constituídos como povo neste território libertado.

Compreende-se assim que nossa *Estratégia Geral Permanente* passa pela Construção de expressões de Poder Popular auto-gestionários a partir da criação(ou recriação) de bases orgânicas e comitês regionais classistas e independentes das instituições de domínio da elite, e que avancem passo a passo em seu protagonismo como povo organizado no controle da cadeia produtiva. Mas, só uma carta de intenções, princípios e objetivos não bastaria para cumprirmos a tarefa de participar e contribuir para construção deste Poder Popular. Não se trata apenas de propagandear os princípios mas incidir e garantir o funcionamento dessas bases e comitês. Quanto mais auto-gestionárias e socialistas forem internamente estas bases e comitês, mais chance terá o nosso projeto político em construção. Ou seja, terem um federalismo funcional como modo de gestão política; praticar a autogestão como modo de produção sócio-econômica; ter um comportamento solidário com as demais organizações e movimentos da classe; contarem com democracia interna e alto grau de participação popular e dar a forma mais avançada possível para cada etapa da luta popular.

Sendo esta a nossa *Estratégia Geral Permanente*, apontamos um recorte no tempo. Isto é, cortes de prazo. Para o **curtíssimo prazo** (que é algo, em termos exatos de tempo = **2 anos**), e para o **curto prazo** (= **4 anos**), onde aplicaremos nossa *Estratégia*.

Neste período mais curto e visível de tempo (ou seja, onde e quando podemos aplicar o nosso planejamento), definiremos objetivos centrais, determinantes das variações e mudanças ao longo deste prazo de tempo e apropriadas de autonomia decisória mas com unidade de ação pelas instâncias do movimento. **A esta forma mais curta de estratégia damos o nome que reflete o conceito de *Estratégia de Tempo Restrito* (aplicada nestes tempos restritos-curto prazo- 4 anos).**

Assim, a construção da *Estratégia* aplicada no Tempo Restrito requer uma outra ferramenta complementar, tão importante como tirar os elementos centrais para a etapa que hoje estamos chamando de Etapa de Resistência (onde se encaixa o Tempo Restrito, que parte do agora e o visível tempo presente até o final do curto prazo).



Necessitamos pontuar **uma linha que unifique nossa atuação** de modo a que ela seja independente sim, mas nunca fragmentada. De maneira que possamos efetuar uma atuação compacta e coesa internamente, uma prática política que acumule para o movimento e isto significa simplesmente, uma linha que construa ou reconstrua as bases orgânicas do MNCR como referencia de outras organizações sociais necessárias para serem a base do Poder Popular. **A esta linha unificadora damos o nome e a carga conceitual de Programa de Trabalho (ou seja uma agenda de luta e organização).**

Um Programa é a concretização da linha que aplicaremos entre um ano e outro. Pode também ser tirado para um período de tempo mais curto, mas geralmente é tirado para o curtíssimo prazo ou seja (2 anos). Assim, conceitualmente, vamos trabalhar um Programa Estratégico, uma série de pontos, metas e objetivos a ser aplicado no curtíssimo ou no curto prazo (4 anos) e que reflita o objetivo central para a Estratégia do movimento no Tempo Restrito de 2 ou 4 anos. Isto é, a construção de ferramentas apropriadas para a atuação popular, de base e combativa; um trabalho de unificação das lutas; a atuação a partir das nossas bases orgânicas e a geração de uma identidade onde uma diversidade de sujeitos sociais se enxergue e atue a partir de uma idéia de classe oprimida.

Pois bem, temos então uma linha política geral para guiar nossas iniciativas num certo tempo. Pode ocorrer ainda que estes objetivos definidos pela Estratégia em Tempo Restrito não tenham total correspondência com nossa capacidade militante (tanto de infra como de pessoal para trabalhar em todos os níveis necessários) e nem com nossa força de intervenção social. Ainda assim, temos que transformar em prática política concreta aquilo que apontamos como objetivos gerais para esta etapa. O Programa de Trabalho será o instrumento que pontuará os atos concretos que faremos para realizar a hipótese de estratégia resumida acima. Por essa razão podemos falar também de **Agenda**. São distintas operações que deverão estar em marcha para efetivar uma força viva (isto porque temos a intenção de fazer ela nascer) e que enfrenta condições de vida duras, fragmentação, desespero causado pela miséria, perda idéia de futuro coletivo, tecido social em frangalhos e avanço ideológico tanto da velha direita (oligarquias, fisiológicos, capital financeiro e/ou nacional) quanto da nova direita (frações de classe dirigente, conformando uma nova elite política-administrativa, a partir dos governos da “esquerda oficial”).

Método de Análise de Conjuntura

- MNCR

Categorias Fundamentais:

Conflito: Choque entre forças sociais pelo controle de um ou de alguns objetos de disputa (alvos, interesses, espaços, algo para conquistar). Os objetos podem ser bem variados: dinheiro, recursos naturais, opinião pública, alimentos, energia...etc.

Poder: É a relação que as forças (agentes + sujeitos sociais) estabelecem na disputa pelos: postos-chave das estruturas, formas de organizar as próprias estruturas e os recursos que a elas alimentam. Esta relação é o que constrói e poder dar ou não estabilidade e consistência para as mesmas (quaisquer estruturas de qualquer tipo de sociedade). O poder sempre se origina de uma relação de força. Desta forma, numa sociedade de classe, poder é o ato de imposição da vontade que pode gerar resistência contra esta imposição, das intenções de um agente sobre o outro.

Estrutura: São as partes mais consistentes e estáveis de um sistema social. São as formas que organizam o nosso convívio coletivo. Daí que podemos dizer que a sociedade está estruturada, gerando assim uma série de instituições fundamentais gerando assim uma série de postos-chave nas relações de poder. É a correlação de forças entre os agentes antagonistas que tornam estáveis (ou não) as estruturas de um determinado sistema social.

Conjuntura: Manifestação da estrutura e dos agentes sobre esta, em uma determinada realidade durante um período de tempo estipulado (geralmente as análises conjunturais são feitas no momento exato em que se vive).



Cenários Conjunturais: É o momento vivido, a partir de um tema conjuntural eleito para a análise, como: a repressão aos catadores de rua, a crise política, as eleições, entre outros temas de interesse. É preciso definir o lugar da análise: na nossa cidade, micro-região, Estado, Região, Federação, etc. Após isto, definir a análise no tempo, ou seja, descrever quais os acontecimentos que foram se sucedendo no tempo até configurar a situação em que se encontra a conjuntura que vamos analisar.

Objetos em disputa: é o que está em jogo, sendo disputado a partir do interesse dos agentes, sujeitos ou atores. Estes objetos podem ser: recursos (financeiros, naturais ou humanos) públicos ou privados, opinião pública, votos, leis, meios de produção, etc.

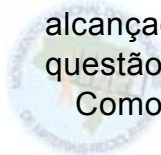
Agentes: São as associações de pessoas que incidem no nível político (agentes políticos) e político-social (agentes sociais) para atingir a seus objetivos e vontades políticas além dos interesses materiais. Uma idéia mais ampla pode classificar como agente, em diversos níveis: social, político, militar, econômico, jurídico, religioso, cultural, entre outros. Estes âmbitos ou níveis de análise não são totalmente separados e o recorte é apenas para intervenção.

Sujeitos Sociais: São os setores e segmentos da classe como um todo. Dentro destes, incidindo sobre os sujeitos sociais, estão os agentes que os tentam organizar ou controlar.

Ator(es): Podem atuar em vários níveis (ex: político, político-social, militar, etc.). São os indivíduos que incidem mais que nada a partir de sua perspectiva individual/pessoal. Exemplo clássico é uma liderança cristalizada, tipo chefe político.

Mecanismos de poder: são as táticas empregadas pelos agentes e atores, ou seja é a forma como eles jogam em uma determinada conjuntura e expressa os objetivos a serem alcançados naquele tempo sobre o tema conjuntural em questão.

Como no seguinte exemplo:



Análise da conjuntura sobre os planos repressivos contra os catadores de rua

Cenário/ Histórico Onde/ Porquê?	Objetos em disputa. O quê?	Agentes Quem?	Mecanismos de poder (EX.) Como?
Região Metropolitana • Marginalização; • Desemprego; • Aumento da produção de lixo; • Catadores coletando muito mais material que a coleta seletiva dos municípios; • Políticas de exclusão de trabalhadores informais (como os vendedores ambulantes – os Camelôs);	• O Serviço de Coleta e Destino final; • Os nossos Meios de Produção Cavalos, Carroças e Carrinhos; • A Autonomia de Trabalho do Catador de rua; • O Acesso à Rua; • A Opinião Pública; • Os Pontos de Coleta solidária; • Recursos Públicos.	• Governos Municipais e seus Departamentos e Secretarias de Limpeza Urbana, Indústria e Comércio, Articulação, Planejamento Urbano, Saúde, Trabalho, Segurança, entre outros órgãos públicos que sejam envolvidos; • Empresas de Prestação de Serviços de Limpeza; • Batalhão Ambiental da Brigada; / • Ministério Público; • A burguesia travestida de Ongo de proteção ambiental; / • Os atravessadores; • A linha de frente (pretendem que estas políticas que se espalham pelo Estado);	• Tratamento da questão social como caso de polícia encoberto pelo discurso oficial e pela mídia; • Discurso de responsabilidade social e construção de políticas com participação popular; • Plano Repressivo que envolve: Leis: Termo de Ajustamento de Conduta, Código Municipal de Limpeza Urbana, Restrição dos horários de acesso às Avenidas (das 6 às 20h), Projeto de Lei de Redução Contratação e treinamento imediato de mais 1.500 guardas municipais armados; Leilão dos cavalos e carroças que beneficiam atravessadores; Agentes comunitários de repressão; Multa pela doação do material.



E qual a nossa posição frente a esta conjuntura?

Agentes – MNCR: devemos definir qual a força que dispomos (tanto nossa própria quanto dos apoios), enquanto agentes nesta conjuntura e a possível força que podemos acumular para este momento conjuntural.

Mecanismos de Poder Popular ou Variáveis Táticas: São os objetivos para a atual conjuntura analisada que podem ser redefinidos de acordo com as variações da mesma, são, portanto, objetivos flexíveis. E para a atual conjuntura expressam como nós, enquanto poder do povo vamos guiar nossa ação.

Agentes - MNCR	Mecanismos de Poder Popular	Ações e Responsáveis
• Bases: (listar bases) • Possíveis Bases: (listar) • Apoiadores	• Formar os Cantões do Catador; • Argumentação: / Denunciar: os pré-candidatos, a imoralidade de tratar a questão social como caso de polícia, as promessas de campanha, as estratégias de colocar catador (de galpão) contra catador (de rua), o material que é aterrado, a burguesia por trás das associações de proteção aos animais, e a inviabilidade do sistema de coleta municipal; Exaltar a coleta solidária como proposta que estamos construindo na prática; / Campanha de cartazes com a questão: O catador sem carroça e carinho, vai fazer o quê? Contra a exclusão, luta e organização!!! / Mobilização (ação direta), com a seguinte pauta de reivindicação: Liberação dos Pontos de Coleta; Livre Circulação para os catadores de rua e os seus VTAs (para negociação dos horários de acesso); - Convênio – para a garantia de coleta solidária e o aperfeiçoamento da coleta seletiva do município, com demarcação das áreas de coleta entre Prefeitura e MNCR; Viabilização de repasse de materiais recicláveis dos grandes geradores para os catadores organizados.	• Para formar os Cantões do Catador: listar • Para divulgar a argumentação: listar • Para a organização da Mobilização (ação direta): listar

Após a realização das atividades é preciso fazer uma avaliação do esquema tático adotado da seguinte forma:

Avaliação da luta dos catadores de rua. Exemplo: Porto Alegre:

A partir da análise dos objetos que estão em disputa, avaliamos as conquistas e pendências e o seguinte esquema tático:

Conquistas	Pendências
• A garantia de licenciamento e emplacamento das VTAs, pelo menos até a aprovação do Projeto que retira o catador condutor da rua.	• As apreensões dos nossos meios de produção (cavalo, carroça, arreios) e da nossa produção (material reciclável) continuam; • A proibição dos horários de circulação permanece a mesma; • Os pontos de coleta que foram confiscados, ainda não foram devolvidos; • Estamos dando tempo para eles aprovarem o projeto que retira o catador condutor de carroça da rua; • O terreno para o Projeto Carroceiros das Ilhas, ainda está pendente; • O local para o seminário intermunicipal não está garantido; • Não foram feitos os cartazes e muros.

Conquistas	Ações	Responsáveis
^{eb} Dar continuidade a formação dos Cantões;	Listar	Listar
• Elaborar Projeto de Lei de iniciativa popular;	Listar	Listar
• Dar continuidade à campanha de solidariedade e coleta de solidária;	Listar	Listar
• Colocar em prática e divulgar nossa proposta de coleta solidária;	Listar	Listar
• Pressionar a comissão de secretarias para resolver as pendências. Caso não resolva, partir para a ação direta.	Listar	Listar



COMO SE FAZ UMA REUNIÃO BÁSICA



MÉTODO PARA REUNIÃO

Saber realizar uma reunião é necessidade de todo catador(a) do Movimento. Este é um trabalho que deve ser planejado sempre, pois ninguém vai a

uma reunião para ficar brigando sem definir nada. Por isso, apresentamos uma orientação com os principais detalhes e cuidados para se fazer uma reunião, seja na associação, na cooperativa, nas bases do movimento, nas Assembléias, enfim, em qualquer instância.

OBJETIVO DA REUNIÃO

Toda a reunião deve ter um objetivo bem claro e definido, para que os companheiros saibam o que se quer com a reunião, pois ninguém deve ir a uma reunião sem saber do que se trata. Indica-se que se defina com antecedência seus objetivos, para melhor prepará-la.

O objetivo, necessariamente, reflete as necessidades, os interesses e os problemas dos presentes. Não adianta fazer uma reunião para discutir pontos que não tem nada a ver com os catadores ou a realidade que estamos vivendo, ou até com o que está por de trás dos nossos problemas. É perda de tempo. Toda a base que enfrenta dificuldades internas ou está por fora da luta dos catadores do conjunto do Movimento, precisa realizar mais reuniões, até esgotar seus problemas.



ORGANIZAÇÃO DE UMA REUNIÃO

Os passos para a organização de uma reunião são:

a) Abertura do Coordenador – quem convocou a reunião ou o coordenador da recente deve começar a reunião dizendo os objetivos desta. Curto e grosso! E logo pede para ...

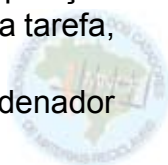
b) Cada participante se apresentar: só dispensa-se este passo caso todos se conheçam. Mas se tiver um convidado ou um companheiro novo, todos devem se apresentar.

c) Escolher o coordenador e o relator da reunião: toda a reunião deve ter um companheiro(a) eleito, que fica coordenando, e por tarefa controlar as discussões, passar a palavra para todos, garantir o andamento da reunião e encaminhar as resoluções. E um relator(a) eleito ou indicado pelo coordenador que vai anotando as questões principais das discussões e todas as resoluções. Indica-se a escolha de um coordenador e um relator diferente, para que os companheiros acostumem-se com estas tarefas, mesmo que não tenham jeito.

d Definições dos assuntos a discutir (fazer pauta): então o coordenador pede a seus companheiros que levem os assuntos a serem discutidos na reunião anotando na medida em que são aprovados. Depois coloca-se em ordem de importância, sendo os mais relevantes no início e no final os de menos peso, pois os companheiros já estão cansados...Além dos assuntos discutidos, as reuniões devem necessariamente incluir a leitura da ata (o relato da reunião anterior), o relato das viagens, visitas ou tarefas realizadas pelos companheiros e análise conjuntural da recente reunião até o presente.

e) Discussão dos assuntos: depois da aprovação dos assuntos e de colocá-los em ordem, é bom dividir o tempo para cada um. Por exemplo, 10 min., ou se for importante, 1 hora. É preciso sempre ter o horário para terminar a reunião, discussões intermináveis ou amplas consultas são um suicídio para o coletivo. Assim, o coordenador abre a discussão assunto por assunto, procurando sempre controlar o tempo. Ouvir todo o mundo, respeitar a posição dos companheiros e encaminhar as resoluções. Para cada tarefa, deve-se saber o que fazer.

f) Conclusão da Reunião: passando os assuntos, o coordenador



encerra a reunião. Nunca, em nenhuma ocasião, o coordenador pode deixar que a reunião vá terminando devagarinho, saindo um, saindo outro, e ficando meio acabada.

O COORDENADOR DURANTE UMA REUNIÃO

Sem um coordenador de reunião, não há reunião coordenada, e a forma como os companheiros(as) coordenam a reunião são decisivas para que elas saiam boas. Os principais cuidados são o tempo estabelecido para cada assunto bem como a pontualidade, ou seja, horário marcado para o início e o fim da reunião. O coordenador não é chefe e não impõe sua opinião. Primeiro, ouve todas as posições e depois dá a sua.

Deve manter o controle da reunião, não apenas deixar levar-se e sim exigir respeito aos acordos. O companheiro que coordena precisa estar por dentro dos objetivos da reunião, e também dos assuntos. Quem não está por dentro, não pode coordenar. O coordenador precisa saber passar a palavra e fazer com que todos dêem sua posição, evitando que sempre os mesmos falem ou decidam. Dar coragem para os mais inibidos, cortar a palavra dos mais tagarelas. O coordenador dá entusiasmo para a reunião, não pode ser lenga-lenga. Deve cobrar sempre as tarefas assumidas e não cumpridas, além de cuidar para que os companheiros não saiam do assunto. Caso isto aconteça, volta-se ao assunto imediatamente, sem deixar que ocorram conversas paralelas à pauta.

OS COMPANHEIROS DURANTE UMA REUNIÃO

Devem cooperar e dar tudo para não atrapalhar. Cumprir o que foi combinado na pauta, prestando atenção no tempo e nos objetivos, esperando sua vez para falar, nunca falando dois ao mesmo tempo, colocar as posições claramente, sem medo ou vergonha, não contar caso fora do assunto discutido, falar sempre para o grupo, nunca para o vizinho ao lado, fazer críticas quando as coisas não andam bem, “falar depois da reunião é dar remédio pra defunto”. Somar, multiplicar e elevar as posições acreditando na força e na unidade das decisões coletivas.

PASSANDO A RASTEIRA NOS ÔME

Gritos e cantos de luta

Catador organizado, jamais será explorado!

Viva aos catadores!

Viva o MNCR!

*Tamo cansado dessa vida de amargura
Ferro- velho e prefeitura querendo nos dominar
Levando fardo de cem quilo nas paleta
E o doutor com as suas canetas com mais leis pra
nos ferrar*

*O catador sabe que tem um movimento
Que prepara o enfrentamento para o poder
popular
Auto-gestão da cadeia produtiva
Ação direta todo dia pro socialismo alcançar*

*Vem catador
Pro movimento organizado
Pois unidos ficamos fortes
E não seremos mais explorados
Vem catador recuperar a dignidade
Lutando pra construir
o socialismo com liberdade!*

*Sou catador e sempre vivo num sufoco
Quando chove como pouco
E no verão só passo mal
Mas eu me ligo prefeitura e ferro-velho
Nos querem ver num cemitério
Ou numa cama de hospital*

*Separo tudo que encontro na minha mesa
Eu reciclo a natureza sem patrão pra nos mandar
Organizado eu tempero a rebeldia
E quando eu vejo a burguesia sei que é hora de
lutar*



OS MENINOS EM VOTA DA FOGUEIRA

*Os meninos em volta da fogueira
Vão aprender coisas de sonho e de verdade
Vão perceber como se ganha uma bandeira
E vão saber o que custou a liberdade.
Palavras são palavras, não são trovas,
Palavras desse tempo sempre novo
Lá os meninos aprenderam coisas novas...
E até já dizem que as estrelas são do povo (bis)*

*Já que os homens permanecem lá no alto
Com suas contas engraçadas de somar
Não se aproximam das favelas nem dos campos
E têm medo de tudo o que é popular. (bis)*

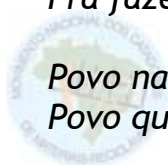
*Mas os meninos desse continente novo
Hão de saber fazer história e ensinar (bis).*

CANTO DE RESISTENCIA POPULAR

*A história são os pobres que a fazem
A vitória esta na mão de quem peleia,
Nossa gente tão cansada de sofrer
Vamos juntos descobrir o que fazer,*

*Se o governo e os patrões só nos oprimem
Acumulando riqueza e poder
Ação direta é a arma que nós temos
Pra fazer justiça pra viver (2x)*

*Povo na rua pra resistir e pra lutar
Povo que avança para o poder popular (2x)*



XOTE DA MARCHA DO POVO

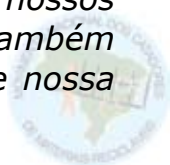
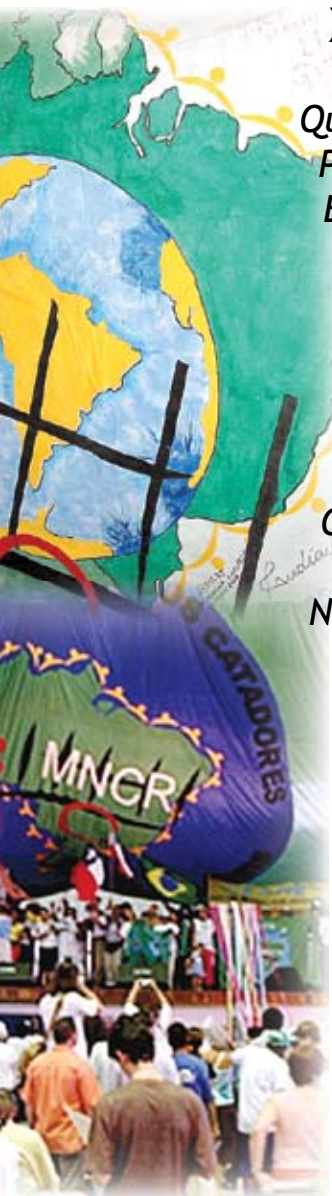
*Quem sabe andar nesta rua vai em frente
Pois atrás vem gente diz o dito popular
E quem caminha na linha da esperança
Arrasta o pé balança a trança
Na dança de se chegar*

*Há quem diga Olê Olê Olê Olá!
Catador de norte a sul e de acolá!
Nesta marcha sem parar
Caminhar é resistir e se unir é reciclar.*

*Ninguém segura essa gente que trabalha
Que grita e fala querendo anunciar
Que é possível a luz de um novo dia
Em que a nos alegria
Possa se concretizar.*

*Povo da rua não é do mundo da lua
É vontade nua e crua
É o desejo de um lar
Que assegure vida e dignidade
Rumo de prosperidade
E o direito de sonhar!*

Pelo Companheiro Erik Soares que deixou sua marca no meio de nós, provando que a vida é o espaço de nossos sonhos e que a luta dos Catadores que ele também protagonizou, é como o exemplo dos mártires de nossa história, é feito uma imagem que nunca se apaga.



Mobilização dos Catadores

O que querem de nós

O que pensam de nós

Será possível que nos verão eternamente como massa de manobra.

Será que seremos vistos sempre como o boi mocho.

O boi manso que não se rebela. Que não arrebenta as cercas

Que não foge do cativieiro, do matadouro.

Veremos aqui uma síntese em palavras únicas para simbolizar a passagem de uma situação crítica para uma outra ideal.

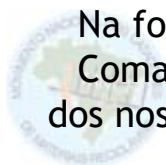
Não se trata de mera ilustração sobre a condição que estamos e a condição que almejamos.

O mecanismo social no qual estamos inseridos, muitas das vezes nos vem como uma cortina de fumaça e neste meio é como se um monstro que está neste parâmetro todo, nos ameaçasse em forma de economia perversa e dominadora.

Mas é no movimento,

Na força do movimento,

Coma fé no movimento é que vamos tirando a venda dos nossos olhos.



Já é dado um sinal de alerta! Porque uma cilada e uma arapuca estão sempre armadas mas nelas não entraremos... porque:

1- A História são os pobres que a fazem
A vitória está na mão de quem peleia
Nossa gente tão cansada de sofrer
Vamos juntos decidir o que fazer

2- É preciso avançar
Prosseguir na lida
Reciclando coisas
E reciclando a vida...



3- Ninguém segura esta gente que trabalha
Que grita e fala querendo anunciar
Que é possível a luz de um novo dia
Em que a nossa alegria possa se concretizar

Nós acreditamos numa vida nova e estamos empenhados na luta por um mundo saudável e liberto de toda sorte de opressão. Vamos diante de uma corrente de água cristalina e lançarmos ali, pétalas de flores como gesto de liberdade e fé no Brasil e numa América Latina digna de suas riquezas. E que este movimento de Catadores continue com força e coragem, fazendo vibrar os quatro cantos do nosso país.





“Catador não precisa de esmola. Não queremos cestas básicas, queremos o reconhecimento de nossa categoria. Companheiros, não parem de lutar, sem luta não há vitória.”

Erik Soares

